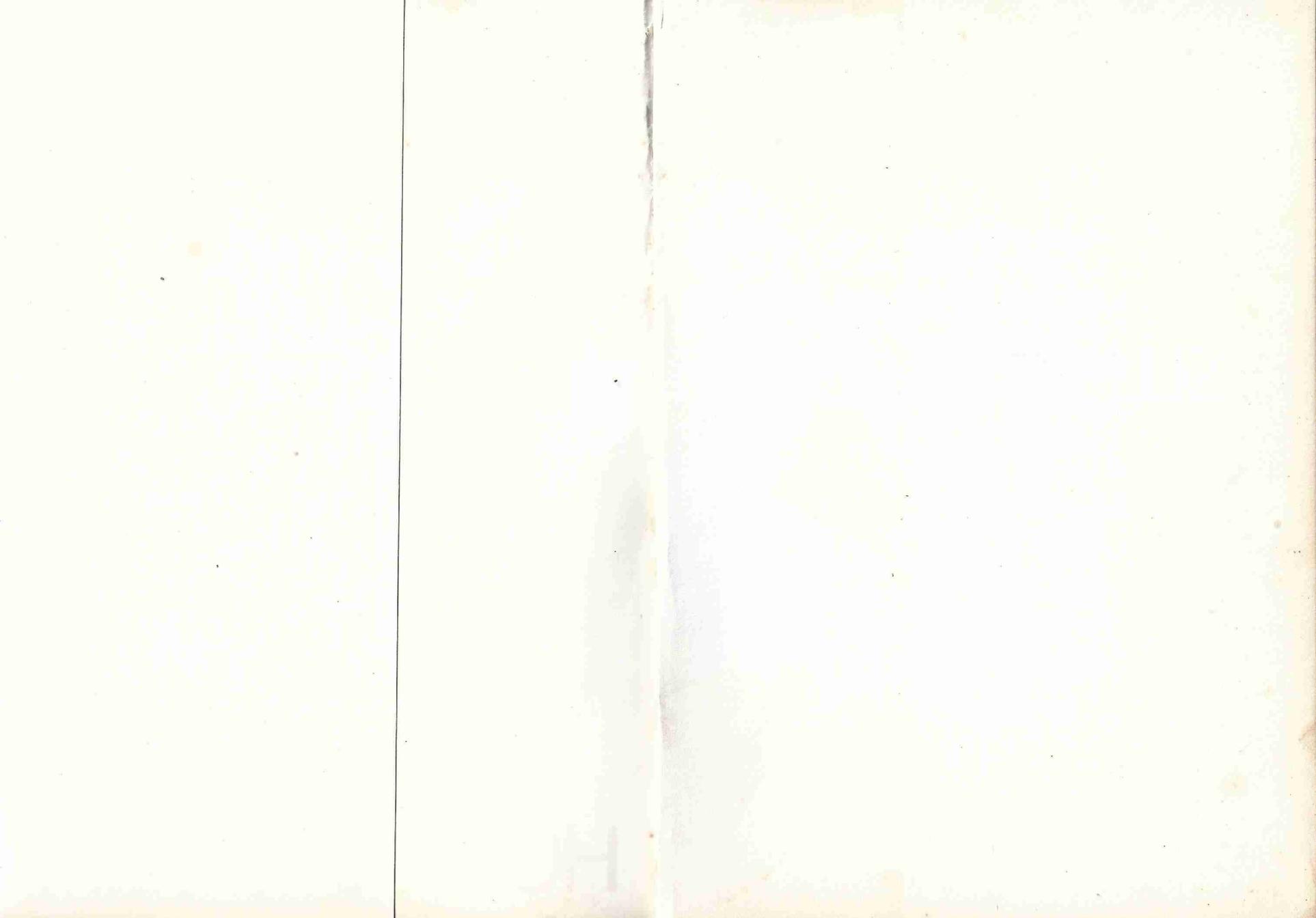


FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
ELIAS BARBOSA - ESPÍRITOS DIVERSOS

HORAS DE LUZ



HORAS DE LUZ

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
ELIAS BARBOSA
ESPÍRITOS DIVERSOS

Diagramação: Vivaldo da Cunha Borges
Capa: Cláudio de Oliveira Santos

1a. edição - 1984 - 20.000 exemplares

HORAS DE LUZ



INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Rua Emílio Ferreira, 123 - Caixa Postal 110
Fone: (0195) 41-2388 - CEP 13.600 - Araras
Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43
Inscrição Estadual 182.010.405

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Xavier, Francisco Cândido, 1910-

X19h Horas de Luz / Francisco Cândido Xavier, Espí-
ritos Diversos, Elias Barbosa. Prefácio de Emmanuel.
Araras, SP, 1a. Edição, IDE, 1984.

144 p.: 18 il.

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Espíritos Diversos
II. Barbosa, Elias, 1934 - III. Título.

CDD-133.9
-133.91
-133.901 3

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9
2. Psicografia: Mensagens: Espiritismo 133.91
3. Vida depois da morte: Espiritismo 133.901 3

ÍNDICE GERAL

<i>Horas de Luz</i> , Emmanuel	11
1 - Adilson Lombardi (Uberaba, MG)	
<i>Mensagem I</i>	15
<i>Mensagem II</i>	17
<i>Mensagem III</i>	19
<i>Mensagem IV</i>	21
2 - Édimo José de Lima Júnior (Uberlândia, MG)	
<i>Mensagem I</i>	27
<i>Mensagem II</i>	30
<i>Mensagens III e IV</i>	31
3 - Edmundo Mendes (Uberaba, MG)	
<i>Novo renascimento no Lar Maior</i>	43
4 - José Benedito da Silva (Santa Rosa do Viterbo, SP)	
" <i>Estou treinando aceitação da vontade de Deus</i> "	53
5 - Luciene Nascimento (Uberlândia, MG)	
" <i>Pensemos em vida e esperanças, paz e felicidade</i> "	61

6 - Marcelo Toti (Uberaba, MG)	
<i>Mensagem I</i>	67
<i>Mensagem II</i>	70
7 - Maria Nelize Campos Silva (Prata, MG)	
<i>"A esperança brilha em meus passos"</i>	77
8 - Pedro de Souza (Araguari, MG)	
<i>Mensagem I</i>	87
<i>Mensagem II</i>	89
9 - Pituchinha - Maria Beatriz de Vasconcelos (Rio de Janeiro, RJ)	
<i>"Pingo de Sol"</i>	107
10 - Ricardo Jorge Pereira (Curitiba, PR)	
<i>Conversando de pensamento a pensamento</i> ...	111
11 - Ruilon Quirino Ribeiro (Gurinhata, MG)	
<i>"Ser pai é algo de emocionante"</i>	123
12 - Thales Meirelles Cury (Uberaba, MG)	
<i>Carta do esposo e servidor reconhecido</i>	131
13 - Valdir Nunes Ferreira (Campina Verde, MG)	
<i>"Estou no ABC da conformação e da paciência"</i>	137

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1 - Adilson Lombardi	14
2 - Édimo José de Lima Júnior	28
3 - Edmundo Mendes	42
4 - Assinaturas de Edmundo Mendes quando encarnado e na mensagem psicografada	48
5 - José Benedito da Silva	54
6 - Luciene Nascimento	60
7 - Marcelo Toti	68
8 - Maria Nelize Campos Silva	76
9 - Pedro de Souza	88
10 - Fac-símile da mensagem psicografada de Wilsom de Oliveira	102
11 e 12 - Assinaturas de Wilsom de Oliveira na Carteira de Trabalho e na mensagem psicografada .	104
13 - Pituchinha - Maria Beatriz de Vasconcelos	106
14 - Ricardo Jorge Pereira	112
15 - Ruilon Quirino Ribeiro	122
16 - Assinaturas de Ruilon Quirino Ribeiro quando encarnado e na carta psicografada	130
17 - Thales Meirelles Cury	132
18 - Valdir Nunes Ferreira	138

HORAS DE LUZ

Leitor amigo.

Este livro desprezioso relaciona informações de seres amados que a desencarnação conduziu a outras paragens, sem que separação e distância lhes apagassem a memória.

Tão comovedores e tão belos, porém, se lhes fizeram os reencontros com os entes queridos que deixaram no Plano Físico, através das páginas com as quais aqui se apresentam, que nos permitimos nomear semelhantes ocasiões com o título: horas de luz.

*

Na essência, que haverão dito aos companheiros que ficaram na Terra?

*

Admitimos, no entanto, que não escreveram as

próprias impressões, pensando unicamente nos corações que lhes são afins, mas em todos nós, os irmãos do caminho evolutivo, no mundo materializado e nas regiões de trabalho que lhe são próximas, buscando elevar-nos o pensamento e encaminhar-nos o ânimo para o trabalho que nos compete realizar.

*

Decerto ter-nos-ão dedicado a todos afirmações e avisos, conceitos e apelos, quais os que passamos a enumerar:

não te omitas, na hora da provação;

se te observas em momentos de crise, permanece nos encargos que a vida te entregou e aguarda o tempo;

não digas que as tuas obrigações são pesadas demais e sim aceita corajosamente as atribuições que se te confere ao espírito, e segue adiante;

reflete no metal precioso conduzido ao cadinho e recorda que se lhe aplica o fogo forte tão somente até que os elementos inferiores se apartem da liga;

ante os reveses da vida, conserva a paciência e a serenidade para que atinjas as realizações de que necessites;

conscientiza-te de que ninguém se encontra a sós;

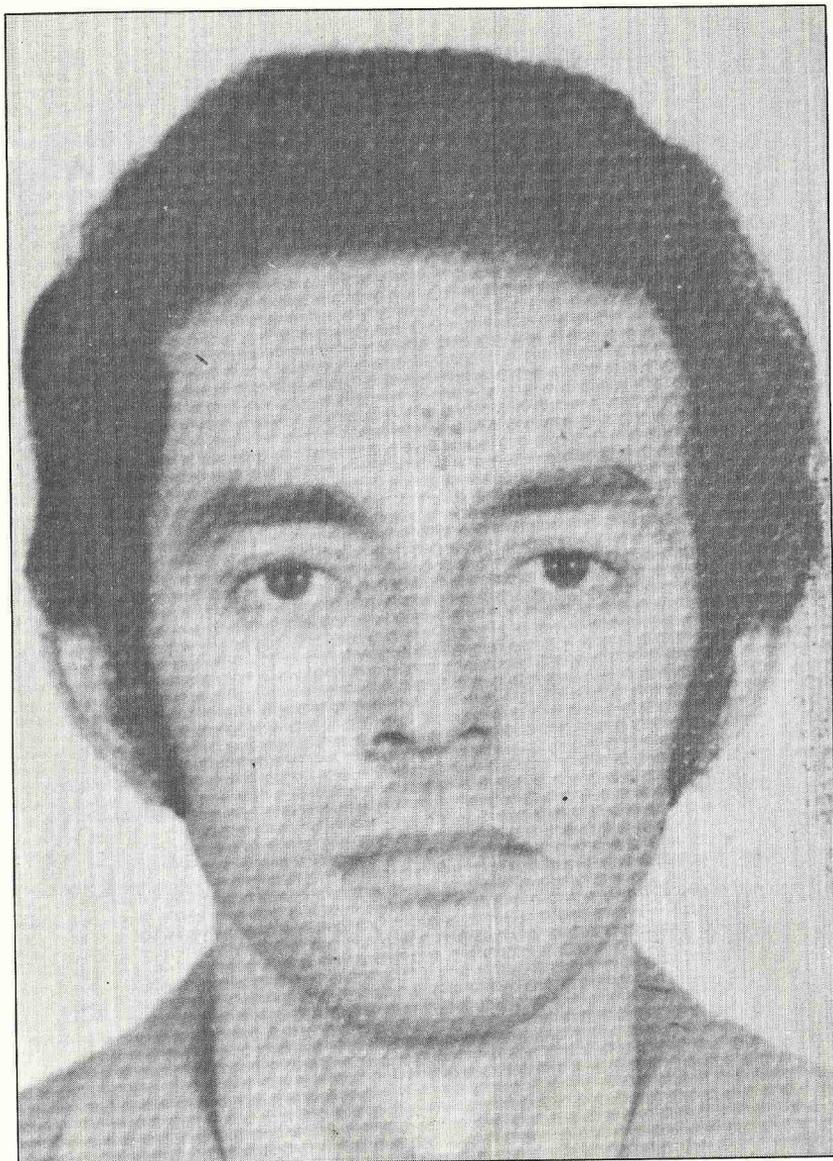
mantém-te firme nas responsabilidades com que a vida te honra e guarda a certeza de que os sacrifícios de hoje são em si as provas indispensáveis que nos certifiquem a capacidade para desempenhar mais altos deveres nas atividades de amanhã.

*

Com estas observações simples de amigo e servidor, te entregamos estas páginas de nossos companheiros da Espiritualidade, rogando ao Senhor nos ilumine e nos abençoe.

Emmanuel

Uberaba, 15 de Julho de 1984.



Adilson Lombardi

1

Adilson Lombardi – MENSAGEM I

Querida mamãe Brandina, peço a sua bênção.

Ainda me reconheço vacilante, quanto ao restabelecimento das próprias forças, mas me sinto reconfortado ao trazer-lhe as novas de minha situação.

A Vovó Rosa me acolheu nos braços, quando me vi despejado do corpo, na força silenciosa e invencível de uma longa parada cardíaca.

A princípio, tudo em seu filho era medo e indecisão.

Cheguei a fechar os olhos para não ver quem me estendia os braços com tamanha bondade, mas o sono me absorveu.

Não era preciso haver cerrado as portas da visão, porque, por dentro de mim, a própria mente como que apagara.

Creia que os meus últimos pensamentos foram para Deus, para o seu coração de mãe, para a nossa Maria Helena e para os filhos queridos.

Tudo, porém, naquela hora se desfez no campo do esquecimento repentino, que me tomou a cabeça.

Acordando em seguida, compreendi sem dificuldade o meu novo posicionamento.

O problema encontrou uma solução rápida demais, porque de uma simples sensação de desconforto, me transferi para o ponto final da curta mudança de dois a três dias.

Creia, mamãe, que os nossos médicos amigos fizeram quanto possível para que não me perdesse do próprio corpo naquele instante, no momento da liberação a que me referi.

Lembro-lhes ainda os cuidados e as massagens, deradeiras impressões que me ficaram da despedida.

E peço-lhe continuar valorosa em sua fé na Divina Providência.

O Ailson e a Rosa estão aí precisando de seus cuidados, e a nossa Maria Helena igualmente encontra em seu devotamento um apoio certo.

Peço de sua bondade não se impressionar se a companheira demonstrar tanto interesse pelas crianças.

A senhora naturalmente se entristeceria tanto quanto eu mesmo, se víssemos a nossa Maria Helena indiferente à sorte dos meninos.

Ela é sempre a companheira dedicada que tanto auxiliou a seu filho, e conto com sua compreensão.

O Denilson precisava efetivamente de uma assistência mais ampla, embora a esposa e eu saibamos que os netos encontrarão sempre abrigo e defesa em seu carinho de Avó.

Auxilie a nossa querida companheira deixando-a em liberdade para assumir os encargos que ela soube cons-

tantemente cumprir, e saberá sempre solucionar com a diligência e a bondade que lhe conhecemos.

Quanto a mim, recorde-me criança em seus braços.

Mães e filhos nunca se separam.

Ainda mesmo que a morte do corpo tudo transforme externamente, filhos e mães se comunicam no desconhecido de Deus, adivinhando o que sentem e o que pensam da vida e de si mesmos.

Querida Mamãe Brandina, o apoio da Vovó e as forças do coração paternal do nosso Orlando me auxiliam até agora, e farei força para retribuir algum dia.

Muito grato por suas orações e lembranças.

Tudo tenho recebido por dentro do coração e agradeço a Jesus a querida Mãezinha que me deu.

Com muito amor no carinho respeitoso de todos os dias, reuno-a com a nossa querida Maria Helena e com os filhinhos e com os irmãos queridos num só abraço, o seu filho devedor, que pede a Deus por sua paz e felicidade.

Um beijo do seu filho, sempre seu,

Adilson

Adilson Lombardi

MENSAGEM II

Querida mãezinha Brandina, abençoe-me.

O seu carinho pede uma carta e aqui a tem.

Vou melhor, buscando edificar-me em seus exemplos de agrado alto e dedicação ao próximo.

Pois é, querida mamãe, tudo passou como se estivéssemos sonhando.

Uma fajuta imagem de saúde que eu não tinha e um marcapasso que não chegou a ser emplacado.

O espírito continua forte, mas o coração era fraco e não pude me defender daquela hora fria que eu não desejava.

Agradeço tudo o que vem fazendo em meu auxílio.

Os meninos estão crescendo e por isso é que se alteram.

— Andorinha só fica no telhado até que não possa voar em grandes lances.

Não se incomode se o Denilson, se a Tânia e se a Juliana estão mudando à maneira dos cenários.

O ninho é seu amor mesmo e desse amor nem eu, supostamente livre pela liberação do corpo pesado, não consigo me distanciar.

Tenho colaborado com a nossa querida Rosa para que ela se harmonize com o escritório, e confio na irmã dedicada que a bondade do céu mantém ao seu lado.

O Ailson igualmente será amparado e tudo vai caminhando para melhores condições de vivência e realização para cada um de nós.

Mamãe Brandina, agradeço ao meu relógio de ouro tudo o que fez em meu auxílio, marcando as minhas horas de paz e felicidade que continuam em minha lembrança.

Nunca supus que um relógio fosse um tesouro qual o meu, que me acompanhou sempre, lembrando-me que eu havia nascido para o trabalho e para a felicidade.

Agradeço a Deus por todos os brindes de paz e alegria que recebi da vida e acima de tudo, sou grato ao seu amor que me arrancou de mim próprio para entender a importância mesmo aparentemente insignificante que se

entrega a um irmão retido para tratamento espiritual ou a um doente infeliz.

Muito grato ao seu carinho, Dona Brandina Lombardi.

O vovô João e a vovó Maria são meus benfeitores.

E tenho outros colhidos na lavoura da família, mas essas notícias ficam para outra vez.

Depois escreverei mais. Com um beijo em suas mãos queridas, seu filho e seu companheiro de agora e de sempre,

Adilson Lombardi

MENSAGEM III

Querida mamãe Brandina, o seu carinho me pede uma carta de Natal e estou em dificuldades para satisfazê-la.

Uma carta de Boas Festas não deve conter qualquer impressão negativa, e ando apreensivo com o trabalho excessivo de nossa querida Rosa no escritório.

Aquela dose de serviço não é para menina que minha irmã ainda é.

Estou pensativo e sou eu que lhe peço alegria para não me deprimir com as perspectivas do amanhã.

Apesar de tudo, o otimismo vem de Deus e não posso me esquecer disso.

Peço seja dito à querida irmã, que darei por bem feito o que for por ela resolvido e espero que Maria Helena, a Tânia e o Denilson se aproximem um tanto mais do seu carinho de mãe para que me tranqüilize.

Mamãe Brandina, Deus nos protegerá com os recursos certos.

O Ailson e a Rosa serão auxiliados, e com paciência vencerão todos os obstáculos.

A senhora sabe que morte repentina é assim como o despejo compulsório da gente.

Não consegui preparar situação nenhuma sem que a família se reorganizasse seu trabalho maior.

Mas a realidade não deve conter fantasia, e a luta se revela à nossa frente, compelindo-nos a aceitar o melhor caminho.

A vovó Rosa e o vovô Belarmino têm me prestado grandes serviços.

Estou agradecido.

Compreendo tudo e vou seguindo para a frente.

Há muito que fazer por dentro de mim próprio e não posso desanimar.

Envio lembranças a todos.

Tenho acompanhado a sua presença na assistência aos irmãos presos, percebendo que, de minha parte, estou igualmente preso a compromissos que não posso olvidar e por isso tornou-se para mim uma grande alegria segui-la de perto em suas peregrinações de fraternidade.

Lembranças à nossa Rosinha, irmã e companheira, e esperemos por melhores dias.

Em meu relógio deixei escrita a frase Feliz Natal, e a senhora sentirá isso comigo.

Por hoje, dona Brandina, não posso escrever mais.

Com o seu coração de mãe, fica o carinho total do filho sempre seu,

*Adilson
Adilson Lombardi*

MENSAGEM IV

Querida mãezinha Brandina,

Já sei porque você está nesta vigília da madrugada.

É a recordação dos meus três anos de vida espiritual, completados no dia 14, que a prende aqui.

Agradeço seu carinho e peço-lhe transmitir o meu contentamento aos queridos irmãos Ailson, Sirlene, Rosa e José Luiz, sem me esquecer do nosso Denilson e das irmãs queridas, que lhe deixei por netos da alma.

Querida mãezinha Brandina, agradeço a festa do meu pobre aniversário espiritual que você levou aos nossos irmãos encerrados na reclusão de reeducandos iluminados de esperanças.

Agradeço ao meu querido relógio que compartilha de todas as nossas ocorrências tranqüilas ou inquietantes.

A sua bondade de mãe terá as palavras de agradecimento para pintar os meus sentimentos de radiante gratidão que ainda não tenho.

Sei que os preços da vida de hoje no cotidiano da Terra lhe impedem a constância junto aos nossos irmãos detentos, mas entendo que o seu carinho de operária do Cristo não parou de agir, e que voltará à casa dos detentos quantas vezes puder, a fim de espalhar a luz da esperança com aqueles que estão distanciados do lar.

Mãezinha Brandina, os assuntos são numerosos e por isso me interrompo aqui de maneira a lhe dizer que o meu relógio continua tendo o melhor lugar em minhas recordações, e que neste instante é com muita gratidão e reconhecimento que lhe trago a alma toda de seu filho

*Adilson
Adilson Lombardi*

DADOS ESCLARECEDORES SOBRE AS MENSAGENS DE ADILSON LOMBARDI

1. Introdução

Antes de quaisquer considerações sobre as páginas que acabamos de ler, esclareçamos ao leitor amigo que resolvemos modificar a disposição das mensagens recebidas pelo médium Xavier e dos nossos respectivos comentários, neste volume, visando ao maior aproveitamento do espaço disponível, com a conseqüente redução do número de palavras e o barateamento do custo do livro, tornando a leitura mais agradável.

Os nossos apontamentos saem, agora, em tipo normal, sem nenhum título, a partir do próximo capítulo.

Os autores espirituais estão dispostos em ordem alfabética.

Achamos por bem titular as mensagens dos Espíritos que aparecem no livro com somente uma peça mediúnica.

Ao citar as datas de recebimento, fica implícito que todas as mensagens foram psicografadas ao final da reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas.

Isto posto, agradeçamos a Jesus pelo ensejo de continuar trabalhando em Sua abençoada Seara, não obstante o nosso passado de pesadas dívidas cármicas a serem, a pouco e pouco, ressarcidas. (E.B.)

2. As Mensagens de Adilson Lombardi

De uma entrevista que fizemos com D. Brandina Rosa de Jesus, em nosso consultório, na tarde de 4 de

abril de 1983, colhemos os seguintes dados sobre o seu filho desencarnado.

Filho de Orlando Lombardi e de D. Brandina Rosa de Jesus, nasceu Adilson Lombardi em Uberaba, Minas, a 5 de julho de 1942, desencarnando nesta mesma cidade, a 14 de abril de 1980, em conseqüência de parada cardíaca, tendo se submetido, cinco anos antes, a tratamento com cardiologista, devido a problema de bloqueio átrio-ventricular.

Internou-se, às 20:00 horas, no hospital especializado, para os necessários exames, desencarnando às 22:30 horas, antes que lhe fosse providenciado o marcapasso.

Mensagem 1, recebida a 5 de julho de 1980.

1 - "*Mamãe Brandina*": residente em Uberaba, à Rua Rodolfo Machado Borges, n.º 480, apartamento 4, fone: 332-9149.

*

2 - "*Vovó Rosa*": D. Rosa Carolina, avó materna, desencarnada a 20 de novembro de 1948.

*

3 - "*Nossa Maria Helena e os filhos queridos*": D. Maria Helena, esposa, residente em Uberaba, com os filhos Denilson, de 15 anos; Tânia, de 14, a Juliana com 6 anos de idade, por ocasião da entrevista.

*

4 - "*Ailson e Rosa*": irmãos do comunicante, residentes em Uberaba.

*

5 - "*Nosso Orlando*": pai, desencarnado a 19 de julho de 1970.

*

Importante, na mensagem, a referência ao esforço despendido pelos seus médicos, para que Adilson permanesse no Plano Físico, demonstrando-nos que, com efeito, tudo devemos fazer em benefício de quem se abeira da desencarnação.

* * *

Mensagem II, recebida a 27 de junho de 1981.

1 - "*Nossa querida Rosa*": trata-se da Srta. Rosa Angélica Moreira da Silva, irmã que ficou tomando conta do seu Escritório de Contabilidade.

*

2 - "Mamãe Brandina, agradeço ao meu relógio de ouro tudo o que fez em meu auxílio, marcando as minhas horas de paz e felicidade, que continuam em minha lembrança." — O *relógio de ouro* a que se refere o Espírito, inclusive no parágrafo subsequente, é um símbolo de que se serve para tratar de um assunto, que somente a sua genitora poderia compreender.

*

3 - "*Dona Brandina Lombardi*": conquanto não assinasse o *Lombardi*, Adilson costumava assim se referir à sua mãezinha, alegrando-a com esse detalhe.

*

4 - "*Vovô João e vovó Maria*": trata-se do bisavô paterno, Sr. João Lombardi, e da bisavó materna, D. Maria Carolina, ambos desencarnados.

* * *

Mensagem III, recebida a 12 de dezembro de 1981.

1 - "*Nossa querida Rosa*": remetendo o leitor ao item 4 da *Mensagem I* e ao item 1 da *Mensagem II*, inteiremo-nos de que, com efeito, segundo D. Brandina, a irmã Rosa, por vezes, se sentia muito ansiosa ante as grandes responsabilidades do Escritório de Contabilidade.

*

2 - "*Vovó Rosa e vovô Belarmino*": 1. *Vovó Rosa*: Cf. item 2 da *Mensagem I*; 2. *Vovô Belarmino*: Sr. Belarmino Graciano da Silva, avô materno.

*

3 - "Tenho acompanhado a sua presença na assistência aos irmãos presos. . ." — Na verdade, D. Brandina vinha trabalhando com muito entusiasmo, junto aos nossos irmãos presidiários.

A propósito, pedimos vênias para recordar que o médium Xavier, desde 1959, em Uberaba, costuma recomendar aos pais de criaturas com tendência acentuada ao suicídio, para que ajudem aqueles nossos irmãos buscando com isso o socorro das mãezinhas desencarnadas dos referidos reeducandos, junto aos filhos — suicidas reencarnados —, livrando-os de reincidirem na mesma prática que os infelicitaram no passado remoto ou recente.

Em nossa experiência médica de mais de vinte anos

de consultório, temos constatado a importância de semelhante recomendação, a única, de resto, que funciona.

*

4 - *"Em meu relógio"* — Mais uma vez, volta o Espírito a se comunicar, de forma simbólica, com sua genitora, dando-lhe provas irrefutáveis de ser ele mesmo o autor da mensagem.

* * * *

Mensagem IV, recebida a 16 de abril de 1983.

1 - *Ailson, Sirlene, Rosa e José Luiz*: irmãos do comunicante.

*

Das seis mensagens de Adilson Lombardi, parece-nos que a tônica de todas elas é a prática da caridade junto aos nossos irmãos "encerrados na reclusão de reeducandos iluminados de esperança."

Lembrando-nos, com Allan Kardec, de que "fora da caridade não há salvação", entendendo-se a salvação como sendo a nossa libertação espiritual, procuremos, jubilosos, acatar as justas recomendações que o filho desencarnado endereça à sua mãezinha querida, estudando, com denodo, os princípios da abençoada Doutrina que a todos nos irmana.

2

Édimo José de Lima Júnior — MENSAGEM I

Querida Mamãe, peço a sua bênção.

Estou ainda muito fraco.

Penso ainda que me acho no tratamento final que me devolva a saúde, mas o vovô Jerônimo e o tio Milton me trouxeram aqui para rogar à senhora muita paciência e fé em Deus.

Mãezinha, venho pedir à senhora, a meu pai e à vovó Luca, não julgarem que fui vítima de abandono.

Mamãe, os médicos não merecem acusações.

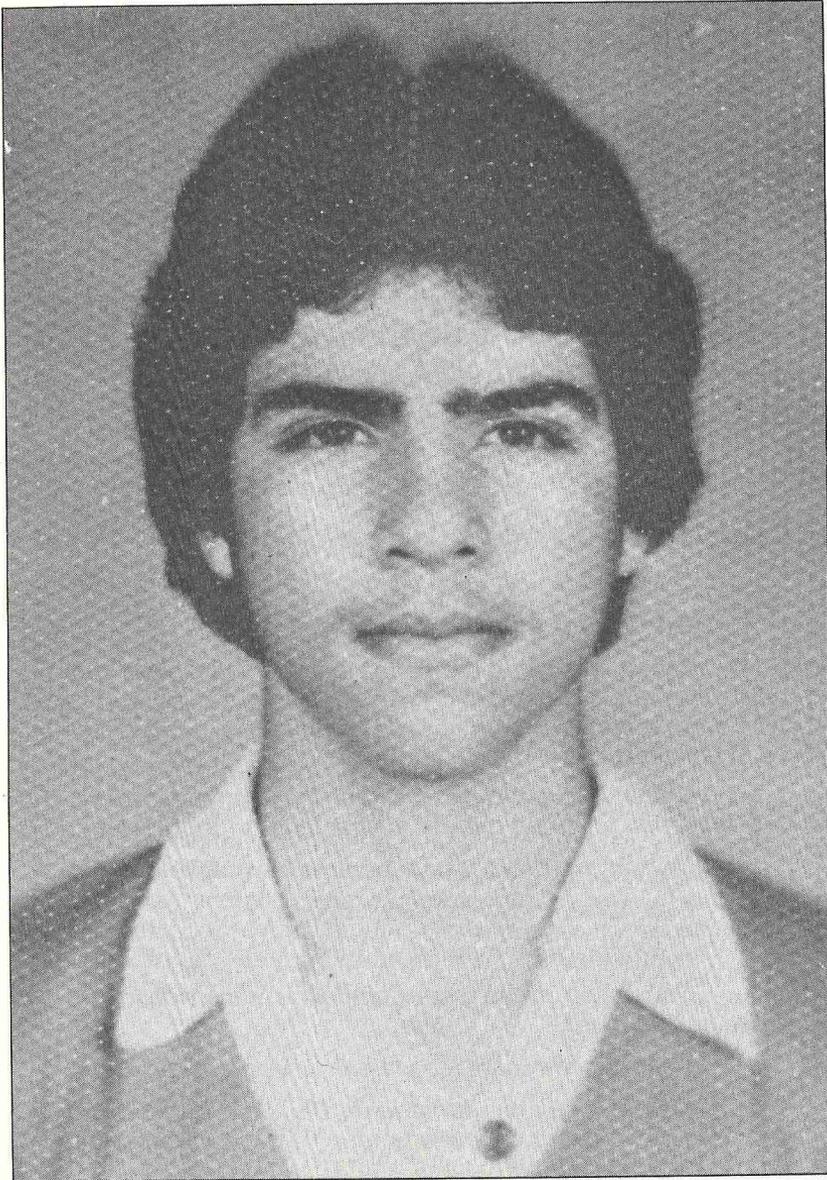
Eles fizeram tudo para seu filho.

A inflamação era muita.

Não havia dreno para atender às necessidades do meu corpo doente.

Venho pedir para aceitarem a Vontade de Deus.

Meu avô fala na Vontade de Deus e é o que posso compreender como sendo a lei que não me permitia demora por mais tempo.



Édimo José de Lima Júnior

Eu sei, Mãezinha, que nós todos queríamos que eu ficasse. . .

Eu, também, olhava nos seus olhos a aflição que estava dentro de mim.

A senhora e Cecília eram meus espelhos.

Ficava fitando as duas para ver as reações.

Creia, Mamãe.

Não fui esquecido no hospital.

Acontece que o tempo estava esgotado para mim.

Peço à senhora e ao papai lembrarem os meninos que perdem a vida nas maiores necessidades.

Vovô Jerônimo pede para refletirmos nisso, e declara que Deus não abandona a ninguém.

Quando é preciso ficar, como eu queria, diz ele que Deus envia os medicamentos pela água pura ou pelo ar, simplesmente.

Isso não quer dizer que a pessoa deve viver sem remédios quando pode adquiri-los, mas se a pessoa não pode, a Mão Oculta do Céu protege a todos os que se imaginam desamparados.

Peço à senhora consolar a nossa Cecília e dizer para ela que serei um irmão.

Vou melhorar e, depois de curado, quero aprender a ser útil a todos os que ficaram aí.

Rogo a Deus para que vovó esteja com calma, sem perder a fé em Deus.

Mãezinha querida, peço-lhe cuidar de alimentar-se com segurança.

Os irmãos continuam precisando de sua proteção, principalmente Elcione e Ione.

Abraços aos meus irmãos.

Peço à senhora não deixar a tristeza ficar morando em nossa casa.

Veja, Mamãe, o Sol cada manhã, e recorde que a luz do Céu é um convite para que a alegria de Deus esteja conosco.

O tio Milton envia lembranças à querida tia e a todos da família.

Pedindo à sua bondade rezar pela paz de nós todos, naquela confiança em Deus que a senhora sempre nos ensinou, pense, Mãezinha, que ainda estou doente, precisando de seu amparo.

Diga ao papai que os amigos daqui vão auxiliar a ele para que as preocupações desapareçam.

Sei que a minha doença foi uma aflição pesando em todos.

Mamãe, confie em Deus e sinta-me beijando o seu rosto.

Não quero vê-la triste, e nem revoltada com pessoa alguma.

Somos de Deus e Deus nos protegerá.

Mãezinha, pense em mim pedindo-lhe paciência com as lutas da vida e note que em seu querido coração está batendo o coração do seu filho, sempre o seu filho,

Édimo

Édimo José

MENSAGEM II

*Querida Mãezinha e querido Papai, abençoem-me.
A vovó Maria Carolina me trouxe apenas para rogar*

à Mãezinha e à querida vovó Luca não pensem em mim com tristeza.

Estou bem.

Mais tarde, escreverei.

Muitos beijos do filho do coração.

Édimo José

MENSAGEM III

Querida Mãezinha e querido pai Édimo, peço-lhes a bênção.

Aqui, apenas algumas palavras com as quais peço à Mamãe prosseguir em sua nova jornada espiritual, auxiliando aos companheiros de minha faixa, para que se desenvolvam felizes.

Mãezinha, não tema os compromissos do trabalho, e com o apoio de meu pai, estaremos ligados nos mesmos laços de serviço.

Lembro-me de nossa querida Cecília, e rogo a Jesus abençoá-la.

Peço à Vovó Luca prosseguir garantindo-me o crédito com as orações repletas de confiança, nas quais a vovó me faz mais firme e mais forte em minhas resoluções.

O vovô Jerônimo e o tio Milton, aqui conosco, lhes deixam um grande abraço, e eu divido entre os dois o coração do filho muito grato de sempre,

Édimo José

MENSAGEM IV

Querida Mãezinha, peço a sua bênção.

Não poderia me esquecer da promessa.

Estou aqui a fim de participar à nossa irmã D. Lourdes que a nossa Cristina chegou tranqüila, repousando no carinho do avô dela, de nome Reinaldo.

Quem não acredite que gente moça não se libera do corpo da Terra por desajustes no coração, fique acreditando.

Cristina sentiu uma parada cardíaca, que não lhe permitiria mais um cérebro regular.

Se continuasse na experiência física, teria de arranjar uma paralisia que não devia interromper-lhe o caminho de progresso.

Sei que a família chora a ausência dela, entretanto, se ficasse, seria ela a chorar por dentro de si mesma uma provação da qual não encontraria o caminho de volta.

Mãezinha, tudo está certo nas Leis de Deus, ainda que, muitas vezes, certas ocorrências nos pareçam erros da vida ou da natureza.

Peço, Mamãe, ao seu carinho, continuar com as suas preces e tarefas espirituais.

Sinto que o papai Édimo ainda não conseguiu abrir o coração para a fé, mas Deus permitirá que essa luz bendita o alcance a qualquer momento próximo.

Quero dizer à nossa Elcione que não a esqueço e que peço a Jesus lhe conceda muita saúde e alegria.

A nossa Cecília continua em minha lembrança, e desejo a ela toda a felicidade que uma pessoa, na Terra, seja capaz de sentir.

Mãezinha, não tenho perdido tempo.

Tenho assimilado excelentes lições e creio que já posso dizer que sou o seu rapaz.

Muitas lembranças à Vovó Luca, a quem peço me

abençoe, e um grande abraço a meu pai, extensivamente a todos os nossos.

Querida Mãezinha, muito obrigado pelo seu esforço em consolar-se.

As suas melhoras são igualmente minhas.

Com muita esperança em nosso futuro melhor, beija-lhe as mãos queridas o seu filho, sempre seu

Édimo José

* * *

Entrevistamos D. Maria Ionez Alexandre de Lima por duas vezes, em Uberaba, a primeira na casa de sua prima, Sra. Glacy de Oliveira, à Rua Delfim Moreira, n.º 534, na tarde de 19 de fevereiro, e a segunda, em nossa residência, a 30 de setembro de 1983.

Eis o que conseguimos apurar:

Nasceu Édimo José de Lima Júnior em Uberlândia, Minas, a 1.º de junho de 1963, aí desencarnando a 24 de outubro de 1978, sete dias depois de apendicectomizado, em consequência de peritonite.

Filho do Sr. Édimo José de Lima e de D. Maria Ionez Alexandre de Lima, residentes à Rua Tuiuti, 327, Bairro Tabajaras, fone: 234-3313.

Aos 15 anos, cursava o 1.º Colegial, no Colégio Promove de Uberlândia.

Inteligente, moral elevada, — diz-nos D. Maria Ionez — pressa para tudo, educado, sociável, humilde, ro-

deado de vários amigos¹, defensor dos mais fracos, brilhou em todos os setores, com seu próprio esforço.

Obteve razoável número de medalhas em vôlei e xadrez.

Aos 13 anos de idade, começou a nomorar Cecília Borges Tannús, filha do Sr. Marco Antônio Vilela Tannús e D. Leny Borges Tannús, e neta do distinto poeta e clínico geral Dr. João Manoel Tannús (Prata-MG, 12-06-1912 - Uberlândia-MG, 12-07-1980), que deixou dois belos poemas — “Destino Amargo” e “Sorte Cruel” —, no último dos quais há este antológico passo:

“Oh ironia da vida
Tornar ao meio partida
De duas meigas crianças
A haste das esperanças!”

Iniciou os estudos aos 5 anos e meio, no Grupo Escolar 13 de Maio, sendo o 3.º da classe, do 1.º para o 2.º ano, brilhando sempre, até a 4a. série. Da 5a. à 8a. série, frequentou o Colégio Estadual Bueno Brandão.

Antes de ser acometido da apendicite, que o recambiou à Vida Verdadeira, nunca havia adoecido, era muito forte e de grande estatura.

Aos 12 anos, já escrevia frases elevadas nas capas de livros escolares².

¹ O jornal uberlandense *O Triângulo*, de 7 de novembro de 1978 (Ano 50, número 4.121), publicou na 1a. página a “Mensagem de Lembrança”, ostentando-lhe a foto, de autoria de Liopino Lourenço de Araújo Neto, companheiro de infância, do colégio e dos treinos de campeonatos olímpicos, em nome de todos os seus amigos.

² Nas páginas de rosto, respectivamente, dos livros *O Escaravelho do Diabo*, de Lúcia Machado de Almeida, Editora Ática, São Paulo, 3a. edição, 1975 e *A 8a. Série C*, de Odette de Barros Mott, Editora Brasiliense, São Paulo, 2a. edição, 1976, há os seguintes apontamentos: “Enquanto que há tanta miséria e fome no mundo, devo agradecer por ter um pai, uma mãe, uma casa e uma porção de namoradas. — 01/06/75, dia de meu aniversário, 6a. série. Édimo José Jr.” — “Tudo que há no mundo há uma razão de ser. — 10-10-76. Édimo Jr.”

“Ele chegava” — continua D. Ionez — “procurando-me por toda a casa, com esta frase: ‘Oi, mãe, tudo bem? Aqui, eu. . . cheguei! . . .’”

O dia de meu aniversário coincidiu com o Dia das Mães, e ele juntou toda a sua mesada e deu-me cinco presentes, muito alegre, com um cartão, sem data, com os seguintes dizeres: “À mais bela mãe!”

Sonhava, um dia, estudar nos Estados Unidos da América do Norte, pretendendo formar-se para engenheiro físico nuclear.

Brilhou pela sua beleza física, moral e intelectual!”

Mensagem 1, recebida a 10 de novembro de 1978, após 17 dias de sua desencarnação.

1 - *Vovô Jerônimo*: Jerônimo Alexandre, avô materno, nascido a 1.º de julho de 1906, e desencarnado a 30 de dezembro de 1967.

*

2 - *Tio Milton*: Milton de Lima, tio paterno, nascido a 18 de dezembro de 1928, e desencarnado a 15 de junho de 1964.

*

3 - *Vovó luca*: Sra. Ernestina de Freitas Alexandre, avó materna, residente em Uberlândia, à Av. Afonso Pena, 1474.

*

4 - “Mamãe, os médicos não merecem acusações.” — Informou-nos D. Maria Ionez que não obstante espírita sete anos antes da desencarnação de Édimo Jr., sentiu-se

revoltada contra os três médicos que prestaram assistência ao seu filho, a ponto de procurar a Loja Maçônica Luz e Caridade, da qual seu marido faz parte, para que os seus representantes tomassem as providências necessárias contra os aludidos facultativos.

"Admoestada por eles para que eu tivesse um pouco mais de calma", — disse-nos D. Maria Ionez — "resolvi ir ao Chico Xavier, em Uberaba, apenas para um desabafo, nunca pensando em receber qualquer mensagem de meu filho, tão pouco tempo havia decorrido — 17 dias apenas — de sua partida para o Mundo Espiritual.

Ao aproximar-me do Chico, perguntou-me ele:

— Quem é Jerônimo?

Assustada, respondi:

— Meu pai.

— E Alexandre?

— Ele mesmo. Jerônimo Alexandre é meu pai, já desencarnado.

— Diz ele que a senhora tem mais filhos.

Respondi:

— Tenho mais quatro, porém, um não toma o lugar do outro!

Desesperada, daí por diante, as lágrimas tomaram conta de mim, e só ao final daquela reunião pública, ao ouvir o nome de Édimo José, é que caí em mim, como se tudo antes fosse um sonho.

Com que emoção ouvi a leitura da mensagem — um fato que pode ser considerado incomum, segundo a *Folha Espírita*³, — que as mãos abençoadas de Chico Xavier receberam e, depois, a depositaram nas minhas!"

3 "Édimo Júnior pede à mãe, escrevendo do Além: 'Não deixe a tristeza morar em nossa casa'", *Folha Espírita*, São Paulo, Outubro de 1980 — Ano VII — N.º 79.

5 - *Elcione e Ione*: Irmãs muito queridas.

* * *

Mensagem II, recebida a 17 de fevereiro de 1979.

1 - *Vovó Carolina*: D. Carolina de Freitas Borges, tataravó do comunicante, nascida a 18 de dezembro de 1877 e desencarnada a 31 de julho de 1968. Sra. mãe de Maria Dalvina de Freitas, Lavino Tiago de Freitas, Oraida Soares Cardoso, Olímpia Soares de Novais, José Soares Júnior, Onília Soares de Freitas, Otília Soares de Freitas e Florespina Soares de Freitas.

*

2 - *Vovó Iuca*: Confrontemos o item 3 da *Mensagem I*, acima.

* * *

Mensagem III, recebida a 14 de setembro de 1979.

"Aqui, apenas algumas palavras com as quais peço à Mamãe prosseguir em sua nova jornada espiritual, auxiliando aos companheiros de minha faixa, para que se desenvolvam felizes." — O Espírito se refere às atividades que D. Maria Ionez vinha desenvolvendo e que até hoje prosseguem em franco progresso, do Culto do Evangelho no Lar para jovens não espíritas — cerca de 300 que na época, às terças-feiras, a partir das 20:00 horas, se reuniam no *Grupo no Lar Édimo José*, em Uberlândia.

* * *

Mensagem IV, recebida a 9 de novembro de 1979.

1 - "Não poderia me esquecer da promessa. / Estou aqui a fim de participar à nossa irmã D. Lourdes que a nossa Cristina chegou tranqüila, repousando no carinho do avô dela, de nome Reinaldo." — Do ponto de vista de autenticidade mediúnica, eis, aqui, um ponto altíssimo: em sonho, Édimo José, dias antes, pedira à genitora para ir ao Chico Xavier, uma vez que ele — Édimo — queria dar notícias de Cristina, por intermédio do médium de Emmanuel.

D. Maria Ionez acedeu ao pedido do filho desencarnado, conquanto nunca tivesse visto Cristina ou qualquer pessoa de sua família.

Jubilosa, veio a constatar que se tratava de Cristina de Souza, nascida a 16 de outubro de 1961, e desencarnada a 30 de setembro de 1979, filha do Sr. Jurandir de Souza e de D. Maria de Lourdes Souza.

*

2 - "Somos de Deus e Deus nos protegerá." — Depois de rogar à mãezinha "não deixar a tristeza ficar morando em nossa casa", e verificar "que a luz do céu é um convite para a alegria de Deus esteja conosco", dá-nos Édimo José a orientação máxima para que nos sintamos fortes e corajosos, protegidos que estamos todos por Deus, Nosso Pai.

* * *

Transcrevamos, em seguida, alguns dos bilhetes do Espírito do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes para D. Ionez, a respeito de Édimo José.

"Filha, Jesus nos abençoe.

O filho querido está presente e agradece as suas lembranças e vibrações de carinho, mas pede conformação à querida tia Sebastiana Lúcia, de cuja paz e confiança ele tem necessidade para se sentir mais tranqüilo.

Jesus nos ampare e nos abençoe. — *Bezerra*" — 27-04-79.

*

"Filha, Jesus nos abençoe.

O nosso querido amigo Édimo José está presente e nos solicita dizer-lhe que o seu Júnior está sempre que possível, em sua companhia de Mãe, auxiliando-a na execução de suas tarefas nobres de sempre.

Agradecendo o carinho de suas lembranças, pede a Jesus a fortifique e lhe solicita concordar com o papai José nas resoluções que ele possa adotar sobre essa ou aquela renovação na vida material.

Confiemos no amparo de Jesus, hoje e sempre." — 04-07-80.

*

"Filha, Jesus nos abençoe.

O nosso querido Édimo José está presente e comunica-lhe que prossegue ao seu lado nas tarefas do bem.

Com as bênçãos de Jesus, as realizações do Grupo no Lar prosseguem para benefício geral.

Confiemos no amparo de Jesus, hoje e sempre." — 17-04-81.

*

"Filha, Jesus nos abençoe.

O querido filho está presente e lhe agradece o carinho das lembranças, pedindo-lhe algum tempo a mais, com as reuniões em casa, até que surja uma ocasião mais propícia ao levantamento de uma instituição para os estudos e esclarecimentos dos jovens irmãos.

Confiemos no amparo de Jesus, hoje e sempre." — 27-10-81.

*

"Trabalho e Fé." — 10-09-82.

**

"Filha, Jesus nos abençoe.

O filho querido Édimo José está presente e está cooperando carinhosamente em suas tarefas no lar.

Promete auxiliar ao irmão Élcio e às irmãs, tanto quanto vem auxiliando ao seu coração materno e ao pai amigo, à querida avó Luca e a todos os familiares queridos.

Filha, continuemos trabalhando na seara do bem, confiando em Jesus, agora e sempre. — *Bezerra*" — 18-02-83.

*

"O filho querido vem trabalhando ativamente em auxílio aos corações queridos, não só do grupo familiar, mas também do círculo de companheiros da oração e do trabalho na seara do bem, que contam com ele e outros Amigos da Vida Maior para as tarefas de paz e amor ao próximo, que partem de seu abençoado lar, na vida terreste.

Jesus nos abençoe." — 24-06-83.

* * *

Encerremos, leitor amigo, este já extenso capítulo com as seguintes palavras dos pais de nosso Autor Espiritual:

Ao querido Chico Xavier

Nosso carinho, respeito, gratidão e preces elevadas a Deus por tudo que nos auxiliou nesta dura prova.

Hoje, com o nosso humilde trabalho (.), recebemos jovens bons, de boas famílias, com excelente formação, embora com nossa ferida sangrando em nossos corações, procuramos doar um pouco de luz que promana do Evangelho do Cristo, sob a orientação sempre presente do amigo Chico.

Nossa dor é igual a de todos os pais, contudo, esperamos auxiliar nosso filho desencarnado e também os outros filhos que ficaram conosco: Élcio, Elcione (gêmeos), Márcio e Ione.

Jesus proteja e abençoe sempre nosso querido médium Chico Xavier!

Édimo José de Lima e Maria Ionez Alexandre de Lima

(.) Em carta de 25 de abril de 1984, eis o que nos diz D. Maria Ionez: "Nosso pequeno Grupo Trabalho e Fé já conta com dois estudos evangélicos semanais, sendo: terças-feiras, às 20:00 horas, e aos domingos, às 19:00 horas.

Estamos tencionando iniciar a evangelização infantil, aos domingos pela manhã."



Edmundo Mendes

3

Edmundo Mendes — NOVO RENASCIMENTO NO LAR MAIOR

Querida Vitória, Deus nos abençoe.

Você deseja notícias nossas e aqui as tem.

Pudesse e diria ao seu coração quanto me doem as saudades de nosso convívio, entretanto, as palavras não correspondem aos meus desejos.

Creio bastaria que reafirme ao seu carinho a continuidade de nossa união que a Providência Divina abençoa agora, como sempre nos amparou nos dias passados.

Eu que sempre me ajustava à nossa vida a dois, sem ausências que não fossem aquelas absolutamente indispensáveis, posso dizer que estes onze junhos de distância aparente estão por dentro de mim quais feridas de separação, embora essa separação seja ilusória, porque a desencarnação — palavra que me habituei presentemente a usar para que a idéia da morte não nos arrase os corações — não nos afasta uns dos outros.

Através dos pensamentos, a nossa aparente solidão é intimidade espiritual em que nos entendemos pelas forças intuitivas.

Você pensa, eu penso e nos entendemos, qual se estivéssemos juntos na mesma faixa de intercâmbio, como sucedia no Plano Físico.

Agradeço as suas preces e as suas vibrações de amor, em me referindo não somente às de hoje, e sim de sempre.

Imagine que voltei planejando aquisição da casa que esperávamos pudesse representar o nosso refúgio, e a idéia da transformação de nossos hábitos era em mim tão forte, que somente aqui na Vida Espiritual, vim a saber que todo aquele anseio de nos recolhermos em nova moradia, era o sentimento da grande transformação que nos devia surpreender.

Admito agora que a despedida dos entes amados deve ser preferivelmente aquela precedida de sofrimentos longos, pelos quais a doença visível nos faça refletir no desprendimento gradual de nossa paisagem doméstica.

Ao que me parece, os que voltam, qual me sucedeu, através de um colapso do coração, não sentem qualquer dor preparatória para o grande acontecimento.

Alguns sintomas de garra a me tocarem o peito não foram suficientes para que me empenhasse a tratamento médico, de caráter urgente, e foi assim que caí fulminado, à maneira de um tronco que experimentasse dilapidações invisíveis aos outros, tombando, por fim, sem escoras que o sustentassem contra a queda fatal.

Com isso, não quero afirmar que voltei desvalido de assistência.

Acontece é que a chamada para a vida diferente, na qual me vejo agora, não erra o endereço.

Meu dia era aquele e não me cabia argumentar com as leis que nos regem.

Você deseja saber de que modo me vi matriculado nesta nova existência.

De começo, foi aquele sono irresistível, sono pesado e sem sonhos, cuja duração não sei ainda explicar.

Em seguida, não me vi acordado de repente.

Observava-me num sonho quase pesadelo, porque, de início, via junto de mim a nossa Cotinha e o nosso Amado, o Tormim e o Juvenal, como se me chamassem para estarmos juntos outra vez.

Sentia-me contente, esperando despertar, no entanto, por mais quisesse voltar de semelhante situação, sentia você e os nossos, ao meu lado, entre lágrimas e orações.

Quis, sinceramente, retornar ao corpo, mas os irmãos sorriam, conhecendo a minha impossibilidade, sem que eu dissesse tivesse conhecimento.

Foi então que percebendo a minha aflição por retomar contato com você e com os nossos, amparados por outros amigos espirituais, auxiliaram-me todos eles a adormecer, novamente.

Quanto tempo gastei nesse torpor, ainda ignoro, mas conscientizei-me finalmente e, acordado, entendi que tudo quanto ouvira acerca da sobrevivência era e é a verdade.

Lutei bastante para conformar-me, entretanto, apoiado na dedicação de nossa mãe Carolina, cujo devotamento recebi depois do impacto de rudes emoções das quais me via objeto, passei a reconsiderar a nossa própria situação, e sou grato a todas as providências que você movimentou, em meu favor, para que me visse dentro da paz possível.

Desde então, permitiram-me, primeiramente, acompanhar as suas preces e meditações, ao modo de aprendiz que necessitava habilitar-se para a vida nova.

Agradeço quanto recebi no lar do nosso irmão Fernandes, a Casa do Cinza, em me reportando ao benfeitor

que foi o pai amigo e afetuoso de nosso companheiro Odilon.

Ali, ao calor da fraternidade real, adquiri conhecimentos valiosos, fosse em contato com o irmão Fernandes, com a nossa devotada Mãe Maria, com a irmã pelo coração, Mercedes Chaves, com médicos e amigos outros que ali se consagram à construção do bem.

Não é fácil a transposição das atividades gerais num homem de minha têmpera, condicionando à formação de negócios e realizações da vida rural.

Entretanto, com o seu apoio, consigo colaborar em auxílio de companheiros que ainda se encontram nos setores de trabalho a que me referi, e vou atendendo à minha efetiva modificação interior, de modo a inclinar-me para assuntos que ainda são mais seus do que meus, porque preciso ajudar-me às questões de ordem espiritual, a fim de cooperar em sua companhia na prática da elevação íntima e no exercício do bem.

Presentemente, com o apoio de amigos de mais perto, vou melhorando com mais eficiência.

O convívio com o Odilon e com o Waldemar, nesta fase nova, tem sido para mim extremamente benéfico.

Tenho conseguido cooperar com o nosso Lamartine, e agora com a nossa Elza, a companheira do nosso Riva, na iniciação deles neste campo imenso em que nos vemos.

Que a nossa irmã Hermínia e os familiares de nossa Elza estejam confortados, na certeza de que ambos foram recebidos carinhosamente por nossa mãe Carolina.

Sobre Adelaide, posso comunicar-lhe que o Alcides prossegue com excelente recuperação, e que a jovem Virgínia, igualmente, se vê no processo da restauração necessária.

A convalescença após a liberação da experiência física é semelhante à que se verifica na Terra com qualquer enfermo, depois de cirurgia complicada.

O período de reajuste depende muito do esforço de cada um.

Aqui o Avelar e o Fábio, tanto quanto os nossos todos estão em minha dedicação fraternal.

Os nossos pais Miguel e Dona Maria foram e são para mim de extremado carinho, buscando auxiliar-me em todas as medidas, nas quais a minha paz esteja em jogo.

Graças a Deus e a você, querida Vitória, prossigo bem.

Não posso alongar-me.

Não relaciono os sobrinhos para não cometer qualquer falta de omissão.

Por isso, endereço a todos as minhas muitas lembranças.

Aqui, em casa de nossa estimada Amália, nesta noite, permanecem muitos amigos nossos, e sou grato a todos, tanto quanto manifesto o meu reconhecimento aos corações amigos que vieram orar conosco, na intenção de nos lembrarem com tanta gentileza.

Perdoem-me pelos problemas que deixei involuntariamente em suas mãos, ante a urgência da mudança a que me vi compelido.

Felizmente, com a bênção de Deus, você soube resolver todos eles com caridade e prudência, harmonia e discernimento.

Muito grato à sua festa de meu novo renascimento no Lar Maior.

Onze anos me consolam ante a posição do aprendiz em que me reconheço.

11
 Edmundo Mendes
 Assinatura do Informante
 Serviço de
 em Lógica de Programação

Ciência do empregador:

Edmundo Mendes

saudades e
 com as
 muitas saudades
 da
 sua
 sua
 Edmundo
 Edmundo Mendes

A assinatura do Sr. Edmundo Mendes em dois documentos, quando ainda encarnado; e no final da carta mediúmica. Observa-se também o desenho de um coração feito por ele mesmo, envolvendo seu nome "Ed".

Muitas lembranças a todos os que nos vinculam aos sentimentos, e receba, querida Esposa e inesquecível companheira, todo o amor com as minhas saudades e com as muitas esperanças do seu, sempre seu,

Ed

Edmundo

Edmundo Mendes

* * *

Edmundo Mendes, filho do Sr. Carlos Mendes dos Santos e de D. Carolina Mendes dos Santos, nasceu em Uberaba, Minas, a 20 de fevereiro de 1905, aí desencarnado, em consequência de enfarte de miocárdio, a 14 de junho de 1970, às 15:30 horas.

"Homem digno e trabalhador, cercou-se da estima e respeito de seus conterrâneos, que viam nele, e com razão, o cidadão idôneo, o produtor rural de largo tirocínio e segura experiência."¹

Sobre a mensagem psicografada pelo médium Xavier, em Uberaba, a 14 de junho de 1981, eis o que apuramos:

1 - "Querida Vitória": Trata-se da esposa do comunicante, D. Vitória Tahan Mendes, residente em Uberaba.

*

2 - "Imagine que voltei planejando aquisição da casa que esperávamos pudesse representar o nosso refúgio, . . ." - Quando desencarnou, o Sr. Edmundo Mendes residia à Rua Dr. Ferreira, n.º 55, e pretendia, com efei-

¹ *Lavoura e Comércio*, Ano LXXI, Número 17.412, Uberaba, Segunda-feira, 15 de Junho de 1970.

to, vender a casa em que morava, e comprar um apartamento.

*

3 - "*A nossa Cotinha e o nosso Amado*": Respectivamente, a mais velha das irmãs, D. Maria Mendes dos Santos, e o cunhado, marido de D. Cotinha, Sr. José Amado, ambos desencarnados em Uberaba.

*

4 - "*O Tormim e o Juvenal*": Irmãos do comunicante, também desencarnados, o primeiro, ainda moço, num desatre de trem, no sul do País.

*

5 - "*Nossa mãe Carolina*": D. Carolina Mendes dos Santos, genitora, desencarnada em 1910, em Uberaba.

*

6 - "Agradeço quanto recebi no lar do nosso irmão Fernandes, a Casa do Cinza, em me reportando ao benfeitor que foi o pai amigo e afetuoso de nosso companheiro Odilon." — Trata-se do Sr. Ludovice Fernandes, pai do Dr. Odilon Fernandes, fundador do Centro Espírita "Casa do Cinza".

Sobre Dr. Odilon Fernandes, nascido em São João de Capivari, Estado de São Paulo, a 10 de outubro de 1903, e desencarnado em Guarulhos, no mesmo Estado, a 13 de janeiro de 1973, consultemos o item 2 do Capítulo 6 de *Quem São*², obra psicografada pelo médium Xavier.

² Francisco Cândido Xavier, Elias Barbosa e Espíritos Diversos, *Quem São*, 3a. Edição, 1982, IDE, Araras (SP), p. 36.

7 - "*A nossa devotada Mãe Maria*": Entidade Espiritual muito querida pelos freqüentadores do Centro Espírita "Casa do Cinza".

*

8 - *Mercedes Chaves*: Devotada tarefeira do Espiritismo, sobre quem voltaremos a nos referir, no item 5 do Capítulo 11, adiante, nasceu em Monte Alegre de Minas, a 16 de abril de 1879, e desencarnou em Uberaba, a 3 de agosto de 1957.

*

9 - *Waldemar*: Sr. Waldemar Vieira, nascido em Campos, Estado do Rio de Janeiro, a 8 de janeiro de 1898, e desencarnado em Uberaba, a 18 de julho de 1977, nosso conhecido dos Capítulos 5 a 8 de *Quem São*.

*

10 - *Lamartine, Elza, Riva*: Sr. Lamartine Mendes, irmão; D. Elza Mendes, cunhada; Sr. Riválio Mendes, esposo de D. Elza, todos desencarnados em Uberaba.

*

11 - *Hermínia*: Sra. Hermínia Baptista Mendes, esposa do Sr. Lamartine Mendes, residente em Uberaba.

*

12 - *Adelaide, Alcides, a jovem Virgínia*: Sra. Adelaide Mendes Marquez, irmã do comunicante, casada com o Sr. Alcides Marquez; avós de Virgínia, desencarnada em consequência de uma queda de cavalo, há quatro anos, no Município do Prata, Estado de Minas Gerais.

*

13 - *Avelar e Fábio*: Avelar e Fábio Mendes dos Santos, irmãos, desencarnados em Uberaba, tendo o segundo morado, por algum tempo, com o Sr. Edmundo, na fazenda.

*

14 - *"Os nossos pais Miguel e Dona Maria"*: Sr. Ragueb Tahan, nascido na Síria, e desencarnado em Uberaba, a 26 de abril de 1955; D. Maria Tahan, também nascida na Síria, e desencarnada em Uberaba, a 30 de janeiro de 1956, genitores de D. Vitória e de D. Amália. (Cf. o item 9-c-d, do Capítulo 6 de *Quem São*).

*

15 - *"Nossa estimada Amália"*: D. Amália Tahan Vieira, segunda esposa do Sr. Waldemar Vieira, residente em Uberaba, à Rua Senador Pena, n.º 42, sobre quem nos estendemos bastante, estampando-lhe a foto, em *Quem São*.

* * *

Ante tantas provas de sobrevivência do Espírito, que possamos continuar estudando as obras de Allan Kardec, reverenciando-lhe o nome, e praticando a caridade, em nome de Jesus, o Nosso Divino Mestre.

4

José Benedito da Silva — "ESTOU TREINANDO ACEITAÇÃO DA VONTADE DE DEUS"

Querida Emília, ainda escrevo com muita dificuldade.

Não sei, mas tenho a impressão de trazer comigo o frio da lagoa, toda vez que me lembro da tarrafa e do mergulho.

Às vezes, penso que é o frio de saudade da sua presença e do nosso Rodrigo, que fui obrigado a deixar, quando nosso filhinho mais necessitava de mim.

Estou bem.

Encontrei, em nossa avó Maria Emília, o apoio de que precisava para deslanchar-me do lugar de minha despedida que ficou sendo para mim um lugar triste.

Os companheiros julgaram que estivesse na posição de afogado, e ainda ouvi a palavra de um deles, falando em respiração boca-a-boca, entretanto, digo a você que o motor do peito parou, justamente quando as águas me cobriram no mergulho a que me entreguei para verificar os efeitos de nosso trabalho.

De começo, experimentei uma forte asfixia, sem



José Benedito da Silva

tragar qualquer gole d'água, e depois veio sobre mim um sono invencível.

Lutei contra esse torpor que me assaltava, mas não adiantou.

Era como se meu corpo parado fosse uma lâmpada repentinamente queimada.

A eletricidade da vida continuava comigo, mas estava descontrolado e sonolento.

Quando despertei, fiquei ciente de que me achava muito longe de Santa Rosa, de sua companhia e de nosso filhinho, de cuja presença sempre sentia tanta falta, quando fora de casa.

Confesso a você que chorei, no entanto, estou treinando aceitação da vontade de Deus e espero melhorar-me, a fim de ser útil a você, ao nosso filho querido e a todos os nossos.

Você não se amedronte com as idéias de viuvez e solidão.

Estamos juntos e confio em que me fortalecerei para ser o seu apoio.

Deus, que promove alimento para os próprios passarinhos, não deixará você em falta desse ou daquele recurso.

Não desejo ver você acabrunhada e chorosa.

Nosso Rodrigo precisa de você e, como ele, eu também, porque necessito da sua coragem para reanimar-me a cada lembrança negativa que ainda me visita, ao recordar o mergulho em que a morte me esperava.

Querida Emília, seja forte e paciente.

Estou aconselhando a você, as duas forças da vida de que ainda mais preciso.

Apesar disso, meu pedido é este mesmo, porque es-

tarei espiritualmente escorado em sua fé em Deus e em sua força.

As orações do papai Eugênio me auxiliam com segurança e, por todas as bênçãos que tenho recebido, nada tenho que me queixar, pois tenho tudo para agradecer.

Com o nosso anjo do coração, apelo a você conservar a certeza do amor, sempre mais amor do esposo, e amigo, companheiro e servidor muito grato de sempre,

José Benedito da Silva

* * *

Na *Folha Espírita* (São Paulo, Maio de 1984 — Ano XI — n.º 122), eis o que nos diz Paulo Rossi Severino sobre esta bela mensagem que acabamos de ler, recebida a 13 de agosto de 1983, e o seu autor espiritual:

“José Benedito da Silva nasceu em Santa Rosa do Viterbo¹, a 31/8/1949, renascendo para a vida espiritual a 8/3/1983, quando foi tragado pelas águas da Lagoa Quebra Cuia, na mesma cidade.

Através da mensagem recebida por Chico Xavier, ele esclarece: “Os companheiros julgaram que estivesse na posição de afogado, e ainda ouvi a palavra de um deles, falando em respiração boca-a-boca, entretanto, digo a você o motor do peito parou, justamente quando as águas me cobriram no mergulho a que me entreguei para verificar os efeitos de nosso trabalho.

De começo, experimentei uma forte asfixia, sem tragar qualquer gole d’água, e depois veio sobre mim um sono invencível.”

¹ Estado de São Paulo. (E.B.)

Portanto, fica esclarecido, pela psicografia, que a morte não ocorreu por afogamento.

O popular Zé Furado, apelido adquirido por causa do seu queixo, sempre residiu na cidade onde nasceu.

Era motorista da Prefeitura e desde criança foi muito estimado por todos, tendo, por isso, inúmeros amigos.

José Benedito era católico, de gênio alegre e descontraído, gostava de contar piadas, tendo especial predileção por caçadas e pescarias.

Tinha fama de bom nadador.

Era casado com D. Emília Paulino da Silva e sempre viveram felizes, principalmente após a chegada do filhinho Rodrigo, que deixou com apenas 10 meses de idade.

Na manhã de 8/3/83, saiu para uma pescaria com alguns amigos, quando o fato ocorreu.

Ao saber a notícia, D. Emília ficou desnorteadada.

Deixemos que ela mesma conte: “Eu vivia muito feliz ao lado de meu querido marido, Zé. Ele era tudo para mim, e a separação violenta com sua morte, deixou-me desesperada.

O desânimo tomou conta de mim, nada mais estava bom e também pensava em morrer.

Sofrendo muito com toda essa confusão na cabeça, fui a Uberaba, à procura de Chico Xavier.

Recebi palavras de conforto e depois, para minha alegria, a mensagem do Zé.

A emoção tomou conta de mim, nem sei explicar o que sentia naquele momento.

Voltei de Uberaba muito confortada, com novo ânimo para viver e cuidar de nosso filhinho Rodrigo.

Graças a Deus e ao Chico Xavier, estou prosseguindo, embora com muitas saudades, pois a falta do meu esposo é muito grande.

Agradeço a atenção a mim dispensada pelo Dr. Eurípedes Higino dos Reis, e a todos que me ajudaram com tanta bondade."

A Carta de José Benedito à esposa demonstra que o amor nunca desaparece dos corações daqueles que nos antecederam na separação provisória.

A saudade dos entes queridos corresponde a um espaço que ninguém consegue preencher.

Temos, ainda uma vez, o consolo e o conforto de um esposo e pai, transmitindo sua ternura aos familiares que permanecem no plano físico, através da psicografia.

Assim, a Doutrina Espírita continua confortando corações em sua trajetória de "Consolador Prometido", revivendo a pureza dos primórdios do Cristianismo.

1 - *Emília Paulino da Silva*: Esposa, residente à Rua Eduardo Gubitoso, 27 - Cohab - Santa Rosa do Viterbo, Estado de São Paulo.

*

2 - *Rodrigo*: Filhinho de 10 meses de idade.

*

3 - *Maria Emília*: Avó desencarnada, há mais de 40 anos.

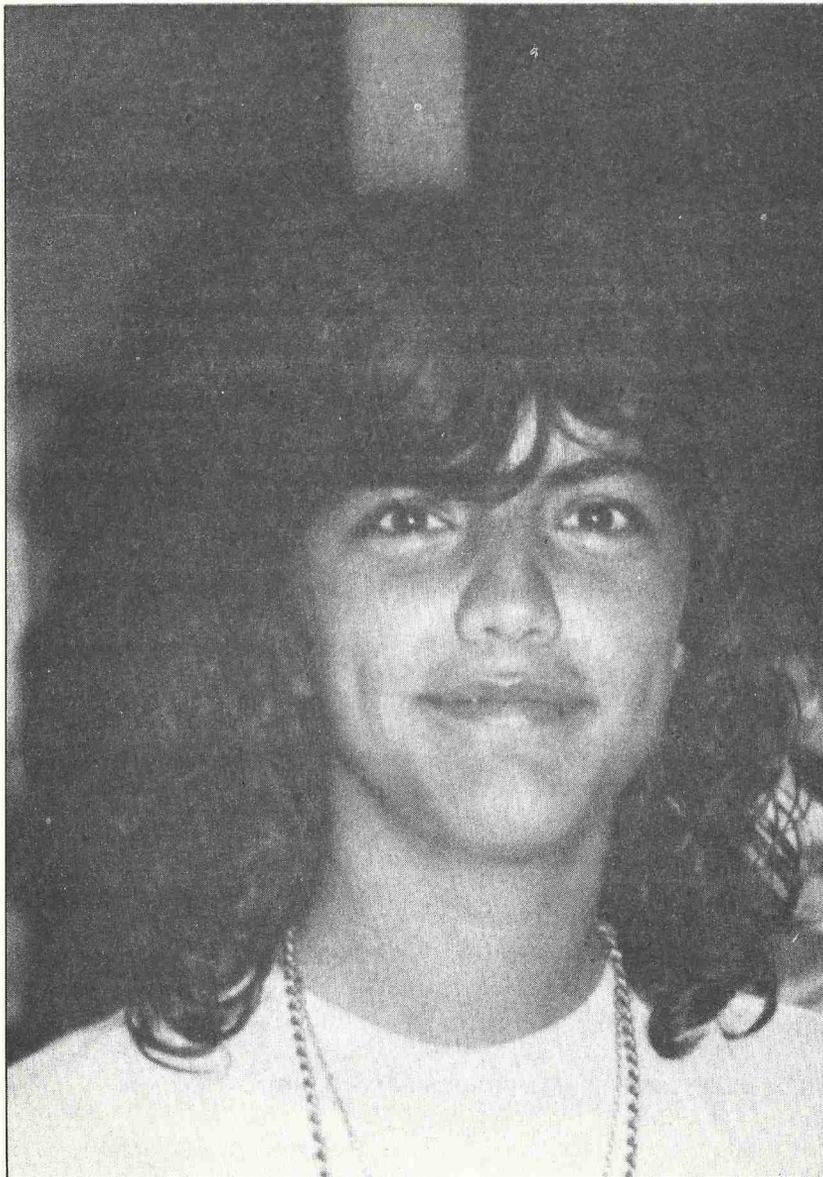
*

4 - *Eugênio*: Francisco Eugênio da Silva, pai, desencarnado a 5 de novembro de 1982.

* * *

Ainda imersos no clima de beleza que a mensagem de José Benedito da Silva nos induziu, resta-nos pedir escusas ao distinto jornalista espírita — Paulo Rossi Severino — pela iniciativa que tomamos de abrir parágrafos em todo o seu excelente trabalho e na página psicografada pelo médium Xavier, visando a tornar a leitura do texto mais fácil.

Que o Divino Mestre nos abençoe e possamos continuar reverenciando Allan Kardec, percorrendo-lhe as páginas luminosas, diariamente, palavra a palavra!



Luciene Nascimento

5

**Luciene Nascimento —
“PENSEMOS EM VIDA E ESPERANÇAS,
PAZ E FELICIDADE”**

Querida Mãezinha Neuza e querido papai Luiz, sinto-me reconfortada em lhes pedindo para que me abençoem.

Creio que nem precisaríamos comentar.

Estou escrevendo sob a indução de amigos novos daqui, a fim de pacificar-lhes os corações queridos.

Afinal, procurávamos nós todos uma Semana Santa de verdade, quando decidimos ir ao encontro de nossos prezados amigos Dr. Jonas e Dra. Júlia.

De começo, aquela satisfação de cortar a rotina para a mudança passageira de algumas horas.

A Nelize e o Luizinho estavam tão felizes, que nem sei descrever aquele contraste em que a face da alegria iria nos mostrar o outro lado escondido daquela felicidade que nos alcançava a todos.

O que aconteceu em caminho, não saberia contar.

Se uma bomba estourasse sobre nós, vindo de procedência desconhecida, seria o mesmo, porquanto me via

arrasada por um estrondo, e as ferragens do carro rangiam, qual se a máquina tivesse vida e estivesse quebrando os próprios nervos, nas estruturas dela, sob a pressão de algum petardo que fosse atirado sobre nós.

Até hoje não consigo alinhar minudências.

Aliás, é contado freqüentemente, por aqui, em minha vida nova, que as vítimas de acidentes de automóveis e aviões nunca se conscientizam de pormenores dos desastres que as surpreendem, de vez que, estando no bojo dos aparelhos, a gente não dispõe de muitas possibilidades para revisões do assunto.

Naquele instante, senti-me no dever de me levantar para as tarefas de socorro em auxílio de alguém, pois ouvia os gritos e as petições dos companheiros de viagem.

Entretanto, uma força irresistível se apoderou de mim, como se me sufocasse, inibindo-me as palavras.

O corpo esmorecera.

Não sei, foi um sono de tranqüilizante maciço.

Comecei a ouvir cada vez mais longe as vozes dos companheiros, até que muito a contragosto, adormeci totalmente.

Anestesia da brava.

Somente acordei, não sei depois de quanto tempo, a p' dir socorro. . .

Reconhecia-me de corpo íntegro, e acreditei que não estivesse a muita distância de casa, mas a vovó Luíza se encarregou de vir ao meu encontro, dialogando comigo.

A idéia da morte não é flor de nossos jardins, por muito que se sofra, e quando a benfeitora me disse que me conformasse com o acontecido, entreguei-me em crises de lágrimas, que não conseguiria frustrar.

A vovó permitiu que eu chorasse o quanto quisesse,

e, depois que as nuvens de minha tristeza se desfizeram em pranto, pude saber, sem alarde, que a nossa Nelize voltara igualmente à vida espiritual, e se encontrava sob a tutela de afeições querida da família Campos.

Um vazio de esperanças se fez na cachoeira de meus pesares, e eu recomecei lentamente a refazer as próprias forças.

Então pude verificar, em nossa própria casa, que o papai e o Luizinho sofriam terrivelmente ao lado da angustiada mãezinha Neuza, a me buscarem, através dos pensamentos de indagações.

A minha luta para demonstrar-lhes que estava ali, eu mesma, foi um esforço gigantesco, do qual não retirei momento algum.

Doía-me vê-los chorando, com o nosso Luiz marcado pelo sofrimento, e anunciava-me as preces com que rogavam, com as bênçãos de Deus, em nosso benefício.

Mãe querida e querido papai Luiz, venho repetir-lhes que vou bem, e que espero retornar à minha própria capacidade de serviço, para lhes ser útil.

Não nos recordem, a Nelize e a mim, quais pessoas punidas pela vida!

Estamos refeitas e bem dispostas, entrando em novos conhecimentos que nos libertam, pouco a pouco, do sentido da posse, a fim de sermos nós mesmos.

Tudo já foi tragado pela viagem do tempo, que não poupa ninguém, quando se trata de mostrar que a dor é uma espécie de volante da alegria.

O Luizinho está melhor, e a própria Nelize nos auxilia, a fim de vê-lo conformado para suportar as consequências da nossa semana agitada de Abril que já se foi.

Quando pudermos, pensemos em vida e esperanças, paz e felicidade.

A vida mental é que determina os nossos estados espirituais.

Peço-lhes me auxiliem nisso.

Não queremos ser recordadas como estátuas da morte.

Não somos a sombra estragada que perdemos, sim nossa própria pessoa no fim do tempo, nós que nos enriquece a vida nova.

É o que lhes desejávamos dizer, comentando a nova existência da morte, na condição do fim da vida.

Para mim tudo se processou à feição do sono de uma noite para quem desperta de manhã.

Espero que o nosso querido Luizinho esteja forte e bem disposto.

Querida mamãe Neuza e querido papai Luiz, recebam minha alma da filha agradecida que lhes escreve, situando o coração nas palavras, sempre a filha do coração, que traz o coração que lhes pertence e lhes pertencerá no todo o sempre com o amparo de Deus, sempre a filha reconhecida,

Luciene Nascimento

* * *

Luciene Nascimento nasceu em Uberlândia, Estado de Minas Gerais a 29 de julho de 1966, e desencarnou a 16 de abril de 1981, em consequência de um acidente automobilístico, na Rodovia Uberlândia-Prata, ocorrido no dia anterior, no qual também desencarnou sua amiga Maria Nelize Campos Silva, como veremos adiante, no Capítulo 7.

Adorava crianças, era muito caridosa e tinha muita pena de pessoas idosas e de poucos recursos econômicos.

Acima de tudo, estimava seus pais, Sr. Luiz Henrique Nascimento e D. Neuza Silva, e o irmão Luiz Henrique Nascimento Júnior.

Dizia sempre que não chegaria aos 15 anos de idade, e que, dentro em breve, iria ver de perto o Mundo Maravilhoso que ela sabia ser o Espiritual.

Por diversas vezes, solicitou à genitora que a levasse a Uberaba para conhecer o Chico Xavier e lhe pedir notícias da avó e das tias desencarnadas em acidentes.

D. Neuza costumava explicar-lhe que era difícil falar com o médium de Emmanuel, devido ao grande número de pessoas que o procuram, não somente do Brasil, como de diversas partes de todo o mundo, ao que Luciene retrucou, da última vez que tocaram no assunto:

— Tenho certeza de que quando eu desencarnar, a senhora conseguirá chegar perto dele para obter notícias minhas!

Numa festa de quinze anos, alguém brincou com Luciene que breve fariam aquela mesma festa para ela, ao que a jovem respondeu:

— Não vai haver festa, porque até lá eu já morri, e quero que me enterrem com uma *Adidas* vermelha.

No caderno de um amigo, nossa autora espiritual deixou escrito que, quando desencarnasse, queria ir vestida de *Adidas*, desejo que foi plenamente satisfeito por sua mãezinha.

1 - *Dr. Jonas e Dra. Júlia*: Dr. Jonas Lima Silva e Dra. Maria Júlia Campos Silva, pais de Maria Nelize Campos Silva, residentes no Prata, Minas. (Cf. Capítulo 7, adiante).

*

2 - "De começo, aquela satisfação de cortar a rotina para mudança passageira de algumas horas." — Horas antes de viajar, Luciene, do Colégio, telefonou para a genitora, perguntando se ela deveria ir para o Prata.

Ao obter resposta afirmativa, concluiu:

— Mamãe, você é a melhor mãe do mundo, eu te amo!

*

3 - *A Nelize e o Luizinho*: Maria Nelize Campos Silva e Luiz Henrique Nascimento Júnior, irmão de Luciene e namorado de Nelize.

*

4 - *Vovó Luíza*: Trata-se de uma benfeitora espiritual.

*

5 - "Não queremos ser recordados como estátuas da morte." — Lembrete dos mais oportunos, para que os familiares e amigos não fiquem com o pensamento fixo no sofrimento da pessoa desencarnada, mas, sim, mentalizá-la forte e em refazimento, a fim de oferecer-lhe recursos energéticos, uma vez que "a vida mental é que determina os nossos estados espirituais."

*

Sugerindo ao leitor que possa reler a mensagem que ora acabamos de analisar, de forma sumária, recebida a 11 de dezembro de 1981, roguemos a Jesus continuar iluminando os passos de nossa jovem Luciene, para que ela prossiga espargindo luz e bênçãos a todos os seus semelhantes.

6

Marcelo Toti — MENSAGEM I

Oi, Pai!

Não é tão acessível um lugar aqui para que nos entendamos com a calma precisa.

Reconheço que estamos entre amigos, mas isso não quer dizer que estejamos unicamente entre conhecidos para um bate-papo como seria de desejar.

Papai, sei que a mãezinha Helena vem procurando com urgência notícias minhas.

Isso, em verdade, é que constitui crença firme.

Porque depois de se haver perdido o corpo físico, as surpresas são muitas e uma delas é essa dificuldade para nos entendermos por terceiros.

Ainda assim, sou grato ao ensejo que me oferecem para que eu fale, e sou reconhecido ao seu interesse de pai que se desvencilha de tantos preconceitos por minha causa.

Papai Américo, a máquina bateu e eu bati com ela, de tal modo que não fui mais o que fora.



Marcelo Toti

Sentia-me aflito, desolado mesmo, quando amigos apareceram e me transportaram para um recinto de paz e repouso.

Fui até mesmo transportado pela simpatia e pela bondade do meu avô Leopoldo para uma casa de saúde, onde vou me restaurando quanto às próprias forças.

Resignar-me ainda está um tanto difícil, porque meus planos para a vida eram muitos e somente a generosidade de meu avô encontraria o lugar certo, onde consegui reencontrar-me.

Penso agora na mãezinha Helena e peço a ela me liberte do pranto com que me prende à nossa casa terrestre.

Agora é preciso lutar e trabalhar para ser gente aqui, nestes mesmos domínios para onde fui trazido.

Ainda estou inseguro, mas a situação vai melhorar.

Perdoe-me, se termino esta ligeira correspondência, já que precisamos simplificar a vida para que a vida se nos faça mais feliz.

Muitos amigos me ampararam as melhores oportunidades de refazimento, mas estou na sombra da indecisão, embora reconheça a felicidade de trabalhar.

Papai, peço-lhe distribuir as poucas e pobres lembranças que eu tenha deixado.

Isso me traria um certo alívio ao coração.

Beije a mamãe por mim e prometo-lhes juízo e auto-controle por aqui.

Desejo que tenham um filho exemplar no serviço em que me engajei por aqui, na vida compulsória para onde me trouxeram.

Penso que muitos assuntos ficam entre nós para outra vez.

E, agradecendo a coragem que o seu coração e o da

mãezinha estão demonstrando para encontrar-me, peço ao Divino Poder os recompense, com os familiares todos reunidos, sob as bênçãos da saúde e da paz, da coragem e da resignação.

Envio lembranças para os dois, com as muitas saudades e o abraço do

Marcelo Toti

MENSAGEM II

Pai-ê, estamos aqui de novo.

Para um abraço repartido com a Mãezinha Helena.

E ainda com outra finalidade; clarear notícias: quando vim até aqui pela primeira vez, tentando sapear o que não conhecia, o tio Leopoldo foi claro.

"Marcelo, comunicar-se em Uberaba precisa estudo.

Você me colocar na posição de avô, tio-avô é sinônimo de vovô e não convém que você se espalhe com muita conversa difícil.

Diga vovô Leopoldo e a sua idéia não se desfará.

Você sabe, Paschoal avô para cá e Paschoal irmão para lá, são duas correntes de pensamento a complicar o seu recado."

Foi assim que a minha opção não seria outra.

Estou sob a proteção do avô Leopoldo (agora não posso voltar atrás), e com a tia Zoraide, e não tenho outra maneira de ser calmo, onde me vejo, repentinamente longe dos meus.

Essa história de morrer ainda vai dar muito pano para mangas.

A mudança é tão fácil quão difícil e tão solene quanto simples.

Creio que as maiores complicações são daí mesmo.

O cara volta para cá montado em moto e é muita gente a falar de imprudência, como se a nossa montaria pudesse fazer milagres.

Outros vem pelas saídas de um hospital e comenta-se a suposta incapacidade do pessoal da medicina e da enfermagem.

Inventam-se cascatas de injeções inadequadas ou se improvisam impressões inverídicas acerca dos diagnósticos e dos exames, qual se os médicos tivessem a obrigação de assegurar a vida de toda a comunidade.

Se o viajante é obrigado a se largar de algum carro combatido pelo tempo de uso, há quem se reporte a motoristas supostamente irresponsáveis, e os laudos, até mesmo de autoridades respeitáveis, passam a registrar se os velocímetros pararam com febre, acima de cem graus.

Se o distinto regressa para estas bandas por efeito de um projétil, as teorias de criminalidade açoitam o infeliz que usou o trabuco, até às gerações passadas.

E assim a morte é aquele monstro vestido de roxo, não se sabe até quando.

O que nos vale é que não há funerária e nem essa sem crucifixo, e em meio dessa barafunda fica o reconforto de se imaginar Jesus com a gente, dando um arreg para os coitados que decolam do corpo imóvel para outras regiões.

Papai Américo e querida Mãezinha Helena, me perdoem essas tiradas de menino observador, e digam a meu irmão que não o esqueci, assim também como já disse ao vovô Paschoal que não lhe omiti o nome, senão para melhorar o texto de minha carta de rapaz inexperiente para quem a lesse.

Com isso, creio que tive hoje coragem de fazer alguma crítica aos processos da chamada desencarnação na Terra.

Felizmente que não me falta humor para zombar construtivamente de tantos aparatos e tantos rituais, numa hora em que o morto imaginário precisa de calma e privacidade a fim de pensar melhor.

Hoje é só.

Afinal, já escrevi até quase abusar.

Mas tenho ainda outro assunto.

A vovó Violeta tem me auxiliado muito com as preces e pensamentos de paz, e quero dizer-lhe que estou agradecido.

Papai Américo e Mãezinha Helena, muito obrigado pela atenção.

E tchau.

Muitos beijos e abraços do filhote que não se esquece do ninho,

*Marcelo
Marcelo Toti*

* * *

Nasceu Marcelo Toti em Uberaba, Minas, a 7 de março de 1965, aí desencarnando, em consequência de acidente automobilístico¹, na madrugada de 11 de julho de 1982.

¹ Segundo o *Lavoura e Comércio* (Ano LXXXIV, Número 21.233, de 12 de julho de 1982), o carro de Marcelo, um Gol bege, placa EB-8222, por volta das 3:45 horas, desgovernou-se e foi bater, violentamente, num poste da Cemig, existente na confluência da Avenida Leopoldino de Oliveira com a Fidélis Reis, tendo o seu ocupante desencarnado, poucos minutos depois, antes de chegar ao Hospital das Clínicas, hoje Hospital-Escola, para onde foi levado por amigos.

Filho do Sr. Américo Fleury Toti, distinto funcionário da Prefeitura Municipal, e de D. Helena Mouro Toti, residentes na Travessa José do Patrocínio, 14, fone: 332-3550.

De início em companhia de seu irmão — Paschoal Toti Neto, nascido a 9 de setembro de 1961, engenheiro —, guiava carros, desde os 15 anos de idade.

Gostava de ajudar as crianças, tendo grande estima pelas pessoas idosas.

Alegre e comunicativo, cursava o 2.º período do Curso de Direito, na FIUBE.

Uma tia, D. Maria Inês, que mora em Araxá, Minas, na mesma noite do acidente, sonhou que a casa dos pais estava cheia de gente, tendo acordada preocupada e dizendo que algo de diferente deveria ter acontecido.

Tendo oportunidade de ler duas redações, dentre as que foram feitas na época do 3.º Colegial, constatamos que Marcelo escrevia muito bem, principalmente ao focalizar temas ligados às idéias materialistas e às diversas religiões.

Informaram-nos os senhores pais de Marcelo, em entrevista que nos concederam, em sua residência, a 15 de setembro de 1983, graças à gentileza da Professora Isis Fleury Dias, tia paterna do nosso autor espiritual, e do jovem amigo da família, Roberto Mendes Juliano, que ao visitarem o médium Xavier, pela primeira vez, amparados pela operosidade do Sr. Ariovaldo Santos, ouviram dele — Chico Xavier — que os pais do Sr. Américo, Sr. Paschoal e D. Maria, já desencarnados, estavam ao seu lado, mandando dizer que Marcelo estava bem, alegre e brincalhão que se mostrava.

Servindo-nos dos dados fornecidos pela Professora Sônia Barsante Santos (*"A Volta de Marcelo"*, *O Triângulo Espírita*, Uberaba, Dezembro-82, N.º 52, 3a. fase),

analisemos, inicialmente, a mensagem psicografada, exatamente três meses e dezoito dias após a desencarnação de Marcelo.

Mensagem I, recebida a 29 de outubro de 1982.

1 - "Oi, Pai!": Curioso é que Marcelo, ao transmitir a primeira mensagem, fez questão de usar a carinhosa expressão "oi, pai!", que lhe era, inicialmente, habitual, todas as vezes que cumprimentava o genitor, e na segunda carta mediúnica usou "Pai-ê!", que também passou a ser patrimônio seu, conforme nos explicou D. Helena, depois que o Programa de Chico Anísio, de que Marcelo gostava, lançou um personagem que trabalhava na TV, muito ligado ao pai.

*

2 - "Ainda assim, sou grato ao ensejo que me oferecem para que eu fale, e sou reconhecido ao seu interesse de pai que se desvencilha de tantos preconceitos por minha causa. / E, agradecendo a coragem que o seu coração e o da mãezinha estão demonstrando para encontrar-me, . ." — Destinadas a católicos fervorosos quais o Sr. Américo e D. Helena, estas palavras de Marcelo são bastante expressivas, não obstante Allan Kardec tenha deixado claro que a Doutrina Espírita se destina aos profíctos de todas as religiões, para que se tornem mais humanos e melhores do ponto de vista moral, enriquecidos com os princípios da Terceira Revelação, dentro de seus respectivos arraiais religiosos.

*

3 - "Meu avô Leopoldo": Sr. Leopoldo Fleury, tio-avô paterno, nascido em Frutal, Minas Gerais, a 30 de ou-

tubro de 1904, e desencarnado em Belo Horizonte, a 25 de janeiro de 1976.

* * *

Mensagem II, recebida a 1.º de abril de 1983.

1 - *Avô Paschoal*: Sr. Paschoal Toti Filho, nascido em Uberaba, a 22 de agosto de 1892, e aí desencarnado a 5 de agosto de 1934.

*

2 - *Tia Zoraide*: Sra. Zoraide Brasil Fleury, nascida em Uberaba, e desencarnada em Belo Horizonte, a 19 de outubro de 1978.

*

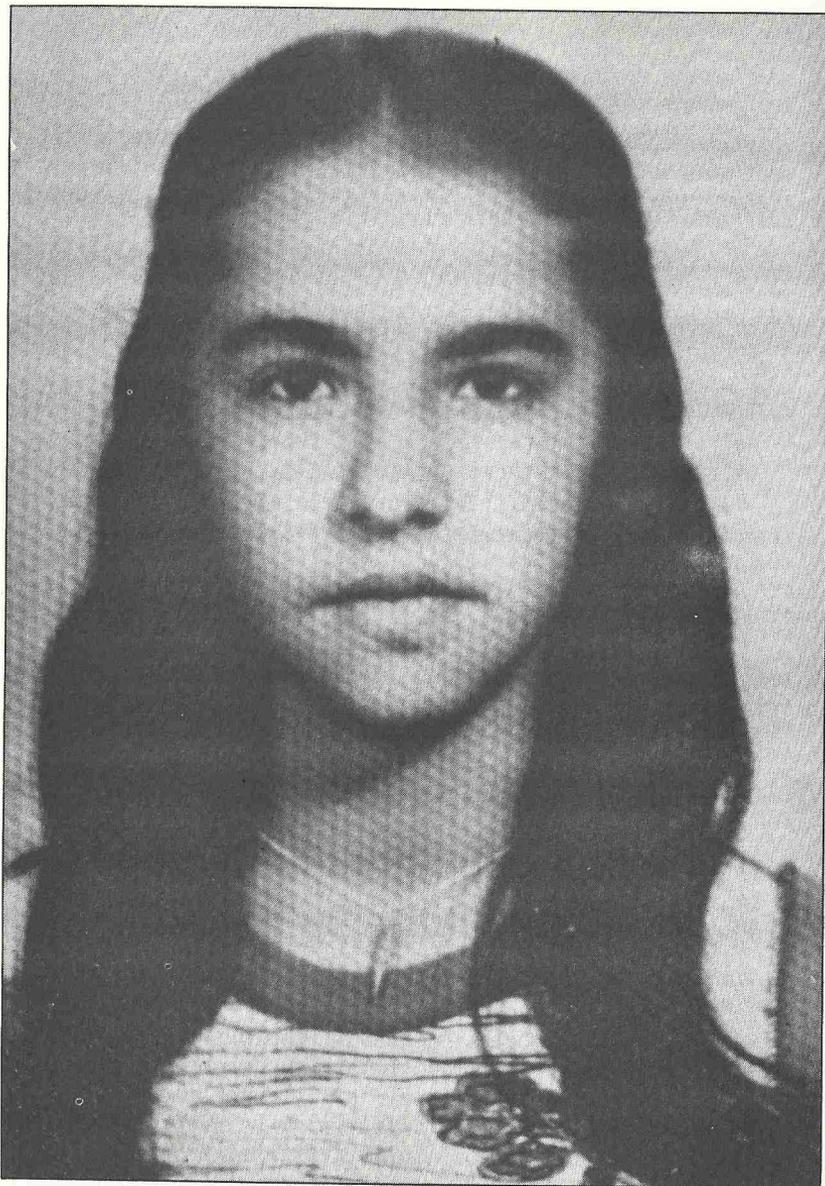
3 - "Outro vem pelas saídas de um hospital e comentam-se a suposta incapacidade do pessoal da medicina e da enfermagem." — Sobre o assunto, consultemos o item 4 do Capítulo 2, acima.

*

4 - *Vovó Violeta*: Sra. Violeta Fleury Dias, avó paterna, nascida em Frutal, Minas, e residente em Uberaba, à Praça Comendador Quintino, 7, fone: 333-3349.

* * *

Que Jesus, o Divino Mestre, continui abençoando o Espírito de Marcelo Toti para que, dentro em breve, possa se transformar em mais um repórter do Além, lavrando o campo abençoado de socorro às criaturas desesperadas que buscam os médiuns espíritas à procura de consolo e de esperança!



Maria Nelize Campos Silva

7

Maria Nelize Campos Silva
"A ESPERANÇA BRILHA EM
MEUS PASSOS"

Querida Mãezinha Júlia, estamos aqui, contando com a paz de sua bênção.

Luciene insistiu comigo de tal modo para trazer as nossas notícias ao seu querido coração e ao papai Jonas, que não resisti ao carinhoso apelo da irmã querida.

Compreendo que a família já sabe, em pormenores, tudo quanto nos sucedeu naquela Semana Santa, em que nos dávamos ao luxo de fechar os livros para o descanso.

A estrada era um sonho de tranqüilidade, recamado pelo verde das margens, e o Júnior guiava cauteloso, sem qualquer inclinação para brincadeira.

Uma palavra, um sorriso, um olhar de quando a quando entre nós.

Apenas isso.

Tudo atenção no caminho e cuidado ao volante.

Tudo seguia bem, quando o inesperado aconteceu.

O barulho estonteante era o de uma bomba atirada sobre nós.

A máquina como que gritava e fazia ranger as próprias peças, qual se nos pedisse perdão por não suportar o choque sobre o qual nos abatíamos todos.

Quis abeirar-me do Luizinho e da Luciene, no propósito de estender-lhes algum auxílio, mas, em momentos velozes, me sentia desvalida de forças.

Nada de mim respondia ao meu esforço por me mostrar presente.

Ouvi exclamações e gemidos e, pouco a pouco, a memória me dava a impressão de que se constituía de forças que me abandonavam. . .

Nada consegui fazer, senão erguer uma prece a Deus, talvez alinhando duas a três sílabas, porque a palavra mesmo unicamente mentalizada, esmorecia em minha garganta, para onde a minha capacidade de falar se canalizava.

Depois, foram aquelas horas que não sei recordar sem profunda sensação de sofrimento. . .

Senti-me socorrida, carregada, e escutava, aqui, as referências ao Dr. Jonas e à Dra. Júlia. . .

Inutilmente, procurava inclinar-me para vê-los e dizer que eram meus pais, e de que eu precisava deles. . .

Luciene, Júnior, mamãe e papai. . .

E os recursos de última hora, em que a morte ganha terreno, zombando talvez dos cientistas mais hábeis.

Chorava em silêncio, quando os tranqüilizantes não me afastavam pensamento ou consciência de todo. . .

Mãe, assim como estou em companhia de Luciene, sei que você está em companhia daquela amiga a quem começava a chamar por mãezinha Neuza. . .

Não se aborçam se digo que as lágrimas me viham do coração para os olhos. . .

É que eu desejava ter ficado, queria casar-me, ter um lar e criar os filhos que Deus me desse. . .

Fantasia de menina e moça, contrariada no instante de se despojar dos meus tesouros mais caros. . .

Desejava responder às palavras que me eram dirigidas, explicar que as vozes do ambiente me alcançavam os ouvidos, no entanto, do sofrimento passei ao silêncio interior, e do silêncio interior comecei a sentir-me envolvida numa névoa esbranquiçada e espessa, cuja presença de algum modo me sufocava. . .

Em dado instante, um rosto surgiu naquele véu que me vestia todo o corpo. . .

Era a face de alguém, com a sua ternura.

Uma nova benfeitora que eu não poderia considerar por minha outra mãe, conquanto a expressão de carinho me recordasse o seu zelo e a sua ternura. . .

A senhora inesperada me falou na bondade de Deus e me recomendou descansar de tudo o que pudesse exprimir preocupação em meu cérebro.

Obedeci, maquinalmente, qual se uma onda de amor, partindo dela, me magnetizasse as últimas energias.

Então, dormi, dormi entregando-me às doces evocações da prece, que passei a escutar. . .

Sentia-me de novo criança, transferi-me sem esforço para o seu colo. . .

A visitante me retirou devagar, enquanto me via sonolenta, e, desde esse instante, apaguei-me de maneira completa. . .

Aquela suave anestesia que adivinhava estranha aos remédios que me eram aplicados, me asserenou a mente atormentada. . .

Não sei precisar a duração do longo intervalo, mas

me recordo de que despertei junto da admirável senhora, sentada rente ao meu leito, à maneira de um anjo a vigiar-me com brandura. . .

Observando-me em condições de alerta, começou a explicar-me o sentido de todas as complicações em que as máquinas nos havia envolvido. . .

E, espantada, vim a saber que era ela a Vovó Maria Claudina a me socorrer e acariciar. . .

Conscientizando-me quanto à verdade dos acontecimentos, chorei, empolgada de dor, porque se me via num corpo que era o meu mesmo, sem qualquer escoriação, sabia igualmente que não voltaria mais à casa que me era e continua sendo tão querida ao coração.

Mãezinha Júlia, você que se entregou também às lágrimas, saberá a extensão da dor de sua filha, despejada inesperadamente do corpo que a sua bondade me ensinara a trazer sempre rico de esperança e de sonho, de alegria e perfume.

A santa criatura que me tomava agora sob seus cuidados, me reergueu as energias.

Voltei ao nosso lar, a fim de abraçá-los, e encontrei o pranto de seus olhos a me perguntar por quê?

Abracei o papai, cujo rosto se fechava sob nuvens de tristeza, e coloquei minhas mãos na face do Júlio César e do Jonas Filho, entendendo-lhes o pesar. . .

Bem, mas tudo isso agora é passado que procurei rememorar com as suas recordações, a fim de observar que estamos conferindo as mesmas contas de provação, no livro da alma. . .

Agora, mamãe, que os dias se escoaram para o mar do tempo infinito, deixe que eu lhe confesse as minhas melhoras.

O primeiro ano sobre o doloroso acontecimento

passai-o, em Abril, junto aos familiares queridos, com a possibilidade de facear as nossas lutas com mais entendimento e fé em Deus.

Nossa vida, de algum modo, se modificou, mas estamos juntas e isso é tudo.

Peço-lhe não se incomodar se lhe falei de angústia e de flagelação quanto a mim própria.

Podem ficar tranqüilos.

Estou melhorando.

A nossa Etelvina também se uniu a nós, e com a Luciene de lado, vou caminhando. . .

Há momentos, principalmente aqueles em que me ocupo inteiramente apenas de mim, as dores do princípio parecem voltar. . .

Mas tudo está bem, porque tenho as suas preces comigo, e essas orações me alimentam.

Vendo o nosso Júnior, peço ao seu coração e à dona Neuza falarem a ele de minha transformação.

Desejo que ele saiba que comecei a amá-lo de outro modo.

Em minha nova escola, aprendo a senti-lo em mim, sem qualquer idéia possessiva.

Mãezinha Júlia, posso desejar-lhe felicidades e bênçãos com outra, sem me aborrecer, e acho que isso já significa uma vitória.

A namorada e a noiva podem ser igualmente também um coração de mãe a pulsar na cabeceira do homem querido, que a vida transformou em abençoado do coração, e isso me reconforta.

Segundo podem observar, você e o papai Jonas compreenderão que não mais sofro, e sim que espero pela oportunidade de fazê-los a todos mais felizes.

Aqui, a nossa Luciene me lembra o relógio.

Estamos numa dimensão de tempo que excedeu a minha possibilidade de conversar, e peço-lhes me gravarem o sorriso que lhes deixei.

Nada de panos que me recordem a coleção de espadrapos.

Sou eu mesma, desejando cantar a vida.

Peço-lhe, tanto quanto ao papai, pensarem nos meninos.

O nosso Júlio César e o nosso Jonas Filho precisam dos dois.

A vida é o que é e não o que desejamos seja, mas isso não quer dizer que me veja triste.

A esperança brilha em meus passos, e espero que todos os nossos estejam nessa mesma faixa de harmonia radiante em que me vejo.

Ao Luizinho e a todos de nossa querida Mãezinha Neuza, as minhas saudações afetuosas, e reunindo-a com papai, meu abraço, com o carinho da Vó Claudina, em minha companhia, deixo-lhes a alma toda, de sua

Maria Nelize

Maria Nelize Campos Silva

* * *

Maria Nelize Campos Silva nasceu no Prata, Minas Gerais, a 28 de dezembro de 1964, e desencarnou a 19 de abril de 1981, em consequência de um desastre de automóvel, na Rodovia Uberlândia-Prata, no Km 34 da Rodovia 497, que liga Uberlândia a Porto de Alencastro, ocorrido quatro dias antes.

Com ela também desencarnou Luciene Nascimento, amiga e irmã de seu namorado, Luiz Henrique Nascimento Júnior, como vimos no Capítulo 4, acima, que dirigiu o carro e ficou gravemente ferido.

Os pais de Maria Nelize, Drs. Jonas Lima Silva e Maria Júlia Campos Silva, residentes no Prata, relatam-nos numa carta que a gentileza da Srta. Nilda Melo Santos, distinta oradora espírita, passou-nos às mãos, da qual transcreveremos trechos, abaixo, que Nelize era uma ótima filha, gênio extrovertido, muito amiga e brincalhona, exímia violonista.

Estava cursando o 2.º Colegial, no Colégio Anglo de Uberlândia, onde era muito querida pelos professores e colegas.

Vejamos, em seguida, a carta a que nos referimos, datada do Prata, 23-06-82, sobre a mensagem recebida a 29 de maio de 1982.

“Dr. Elias,

Para nós é motivo de alegria o senhor colocar a mensagem de nossa filha em um de seus livros.

Alegria ao pensarmos no quanto esta mensagem poderá beneficiar outros pais que, como nós, foram privados muito cedo da companhia de um filho.

Sabemos disto, porque o que nos deu e tem dado mais força, foi a leitura de tantas mensagens de jovens que partiram mais cedo que nós.

Estamos aqui à sua inteira disposição, para qualquer informação que for necessária. Nosso telefone é: 1368.

Nossa amiga Nilda falará por nós.

Quanto à mensagem de Luciene, sabemos que também seus pais estão inteiramente de acordo. Se o senhor

quiser se comunicar com eles, o telefone é: 232-3512, em Uberlândia, Minas.

Alguns meses antes do acidente, Maria Nelize começou a ter momentos de depressão e, sem mais nem menos, começava a chorar, e nem ela sabia explicar o motivo daquela angústia.

Várias vezes, tentei conversar com ela a este respeito, no entanto, ela não entendia o que se passava consigo.

Por três vezes, ela viu um homem de cabelos grisalhos, que lhe sorria de maneira bondosa, e ela não teve medo dele. Na terceira vez, ela ficou encucada, e perguntou o que ele queria; ele respondeu que necessitava das orações dela, ao que ela retrucou:

— Por que eu?

— Porque você é uma moça pura, e eu quero as suas orações.

(Nilda deu-me umas explicações que eu disse ao Chico e ele disse: — “Muito bem lembrado.”)

Maria Nelize era nossa única filha, sendo seus outros irmãos: Júlio César, com 14 anos, e Jonas Filho, com 9 anos.

Eis mais alguns dados sobre as pessoas citadas na mensagem:

1 - Júnior (Luizinho): Luiz Henrique Nascimento Júnior, seu namorado, irmão de Luciene Nascimento.

2 - Vovó Maria Claudina: Bisavó materna (minha avó), já falecida, em Jataí, Goiás, a 22 de agosto de 1966.

3 - Etelvina: Tia (minha cunhada), falecida também na cidade de Jataí, em 25 de novembro de 1973, aos 29 anos de idade.

5 - Mãezinha Neuza: Aquela que seria sua sogra (mãe de Luciene e Júnior).

Sem mais, nosso fraternal abraço.

(aa) *Júlia e Jonas.*

* * *

Para concluir o presente capítulo, transcrevamos a seguinte carta que Dra. Maria Júlia enviou à sua filha Maria Nelize, datada de 19-09-80:

“Meu amor. . .

Recebi sua carta. . . Tomo consciência que tenho uma filha poeta. . . O poeta, infelizmente, sempre vê o lado triste da vida. . . O eterno enamorado da lua, das estrelas, é sombrio. . .

Mas. . . quero que você continue fazendo prosa e verso, não resta dúvida, mas. . . você tem 15 anos, e isto é belo, é maravilhoso, você está se desabrochando para a vida, e esta, apesar de momentos angustiantes, é bela!

Minha filha, só seremos felizes, no dia em que despertarmos do nosso egoísmo, e ajudar, ou melhor, tentarmos ajudar nossos irmãos menos favorecidos: “Uma palavra certa, no momento certo.” — “Um sorriso de solidariedade.” — “Um aperto de mão.” — “Um gesto amigo.”

Temos tantas ocasiões de prestar nossa ajuda, mas a maioria das vezes, ficamos fechados dentro de nós mesmos, do nosso egoísmo, com pena de nós mesmos, que nos esquecemos de olhar ao nosso redor e ver o quanto podemos ser úteis.

Só se sente inútil o egoísta, porque ele sente tanta pena de si próprio, que esquece o mundo ao seu redor.

Você, minha querida, é uma pessoa privilegiada.

Você tem seus pais que a adoram, tem seus irmãos. Tem um lar, tem amigos, tem saúde, inteligência, é perfeita¹.

Momentos de tristeza, nostalgia, são próprios de todo ser humano. . . Sentimos uma saudade indefinida, sem saber do quê, de onde; talvez seja nossa alma que, sem compreendermos, sente saudades de nossa verdadeira pátria², tem ânsia de se libertar e se sente presa ao corpo.

Mas, para que sejamos recompensados, temos que aceitar a luta da vida, e nos esquecendo de nós mesmos, e procurarmos ajudar os mais carentes.

Só assim sentiremos alegria de viver, alegria de sermos úteis, porque todos nós somos importantes. Deus deu a cada um de nós uma missão a cumprir, um trabalho a realizar. . .

Um dia, você entenderá a sua missão; por enquanto, você deve se preparar, estudar, viver seus 15 anos com amor e inteligência, procurando sempre distinguir o certo do errado, a fim de evitar quedas. . .

Rogo sempre à Virgem Santíssima para protegê-la, inspirar-lhe tudo de bom e encaminhá-la na vida honesta e pura.

Confiamos em você.

E que a Virgem Santíssima lhe dê muita paz e felicidade.

Você é um dos motivos que me faz mais feliz a vida!!!

Te amo.

Sua mamãe."

¹ Dra. Maria Júlia quer dizer com "é perfeita": não possui qualquer defeito físico.

² A propósito, consultemos o item 25 do Cap. V de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, "A Melancolia" (François de Genève, Bordéus).

8

Pedro de Souza – MENSAGEM I

Querida Luzia, querida filha.

Deus nos abençoe.

Ainda me vejo bastante encabulado, depois de haver perdido o corpo, em companhia de nosso Pedrinho, mas o corpo que perdemos não é o verdadeiro.

Isso que usamos no mundo como sendo nós mesmos, é uma luva que pode ser retirada a qualquer momento, enquanto andamos por aí.

O Éder não teve culpa de me pedir fosse atender ao Flávio, que estava em dificuldade para sair das águas.

Peço a você pedir à Maria para que se conforme sem acusações para com os nossos meninos.

Todos eles sofrem com o assunto lembrado a qualquer hora, e isso resultará em sofrimento para nós todos, se continuar.

O Adriano, o Alexandre e o Éder estão numa idade muito melindrosa, idade de fotografar tudo o que se fala por dentro de casa, e muito me preocupa ouvir sua mãe a



Pedro de Souza

chorar e a dizer-se infeliz com os filhos que temos, mesmo porque os meninos são muito bons de coração, e não desejo que se tornem homens lastimando a vida.

A nossa Maria nos auxiliará, abstendo-se de repetir aquelas tremendas recordações que não têm razão de ser.

Peço a você dizer a ela que o meu avô Pedro, o Dr. Alberto e o Dr. Adalciando nos ajudaram com muita segurança, e que tanto eu quanto o Pedrinho vamos seguindo bem.

Tive a permissão apenas para transmitir este pedido.

Querida filha Luzia, muito grato a você pela oportunidade de articular este recado.

Pede a Jesus abençoe os seus passos o papai sempre amigo,

*Pedro
Pedro de Souza*

MENSAGEM II

Querida Luzia, minha querida filha, Deus abençoe o seu coração e o seu caminho.

Estou aqui com o auxílio de amigadas que me amparam o desejo ardente de enviar a vocês alguma notícia nossa.

Você sabe que seu pai não sabe escrever para encantar os olhos de quantos me leiam.

Não voltei para cá, premiado com certos conhecimentos que se fazem necessários para que se comece aqui uma subida aos montes da cultura espiritual.

Recordemos nós dois que trouxe comigo, além da

felicidade que a sua querida mãe e os filhos me deram, somente a alegria de ser devoto e festeiro em homenagem à Santa Rita.

Com isso, minha filha, quero declarar que, se trouxe algo de bom, foi a fé que me unia aos Altos Céus, sem que eu tivesse consciência disso.

Confiava em Deus e nos santos.

Para mim isso bastava, com a paz da família que sempre amei com extremada ternura.

Você e os nossos não conseguem imaginar as emoções que me tomaram, quando justamente no dia de nossa festa, entendi que me cabia salvar o Flavinho, que víamos em dificuldade nas águas do Paranaíba.

Atirei-me instintivamente naquele mar de águas grossas, e acabei me atrapalhando. . .

Senti que a terra me faltava aos pés e que se abria uma cava enorme, encoberta pelas águas.

Desci, inconsciente, por aquele abismo aberto, e mal sabia que o nosso Pedrinho também se jogou naquele mundo líquido, e encontrou outra abertura para baixo, sendo engolido por aquele solo que os de fora não conseguiam ver.

Meus últimos pensamentos foram para Deus, para a esposa e para vocês, os filhos que ficavam. . .

Estava sufocado, para pensar com acerto, e meus raciocínios vacilaram, até que não vi ou senti coisa alguma.

Somente depois, despertei com a proteção de meus avós, numa casa acolhedora, onde o Pedrinho já se achava à minha espera.

Não sei se você, minha filha, tão moça, como está, poderá avaliar o sofrimento de um pai que se reconhece

separado repentinamente da esposa e dos filhos que mais amo, e por isso meu pensamento se recusava a ver o que cercava para refletir em Porto Barreiro, onde havia deixado vocês.

Só a Bondade de Deus e o tempo me fizeram aceitar a realidade que eu não conseguiria modificar, e desde então, com o nosso Pedrinho e com Mãe Augusta e outros amigos, me esforço para auxiliar a família, embora já esteja consciente de que apenas Deus consegue fazer a felicidade do nosso grupo doméstico.

Diga à sua querida Mãe, nossa querida Maria, que venho fazendo o possível para ser útil a todos os meus filhos, principalmente ao Herivelto e à Donátila.

Peço a vocês todos paciência e tolerância, de uns para com os outros, sustentando a paz de casa.

Por muito que eu pudesse fazer, e consigo ainda tão pouco, não poderia plasmar em cada um de vocês a paz e a alegria que lhes desejo.

Por isso, filha, entrego vocês todos a Deus, rogando à Providência Divina nos guie e nos abençoe.

Em família, quando aprendemos a calar para que outro fale mais alto, quando reconhecemos que todos somos portadores de defeitos que a Vida nos ensinará a corrigir, tudo segue com mais harmonia e segurança para a frente.

Estas palavras são as que dedico a seus irmãos, pedindo a Jesus a todos nos proteja e nos abençoe.

Diga à mamãe que o Pedrinho e eu a adoramos, e que ela vive em nossos corações, sempre mais a cada dia.

Querida filha, agradeço a você por haver tentado este encontro em que lhe falo com o meu coração nas

palavras, e receba com todos os nossos, as lembranças, as esperanças e os agradecimentos do Papai

Pedro de Souza

* * *

Deixando para a parte final deste capítulo os nossos ligeiros comentários sobre as duas belíssimas mensagens que acabamos de ler, lancemos mão do precioso material que os amigos Sr. Urbano T. Vieira e D. Ondina, acompanhado de gentil carta, datada de Araguari, 12/5/83, nos passaram às mãos.

Na Manhã do Adeus

Pedro Souza era festeiro novenário da Festa de Santa Rita, na novena de sábado, dia 1.º de setembro de 1979, no Porto Barreiro, povoado à margem do rio Paranaíba, município de Araguari, Minas, para onde se dirigiu Pedro com familiares e amigos, em sua Kombi.

Como estava programada a procissão para domingo à tarde, permaneceram no local.

Domingo, de manhã, cerca de 9:00 horas, Pedro convida os familiares para uma chegada à beira do rio.

Desejava mostrar a paisagem e ilha próxima, para a sogra.

Acomodados à beira do grande rio, alguns sentados no barranco, Flavinho, sobrinho de Pedro, foi visto em dificuldades com as águas, ameaçado de afogamento.

Éder pede ao pai (Pedro Souza), socorrer Flávio.

Alguns familiares tentam entrar nas águas.

Um colega e amigo de Pedrinho (filho de Pedro Souza) consegue salvar Flavinho, mas Pedro Souza, que também acorrera ao salvamento de Flávio, começa a afundar. . .

Há gritarias e agitação.

Pedrinho, o filho, pula na água com a intenção de ajudar ao pai gritando para a mãe aflita:

— Fica tranqüila! Agora mesmo, estaremos de volta!

Depois, a aparente tragédia, o desaparecimento dos corpos, só encontrados na segunda-feira (o do pai, Pedro Souza) e na terça (o do Pedro, filho) seguintes. . .

Mensagem I, recebida a 14 de outubro de 1980.

1 - *Espírito comunicante*: Pedro Souza, nascido em Araguari, Minas, a 5 de agosto de 1930, e desencarnado, juntamente com o filho Pedro de Souza Filho, por afogamento, no rio Paranaíba, no município de Araguari, a 2 de setembro de 1979.

*

2 - *Luzia*: Luzia de Fátima Souza, filha de Pedro Souza, solteira, residente em Araguari.

*

3 - *Pedrinho*: Pedro de Souza Filho, nascido em Araguari, a 30 de agosto de 1962, e desencarnado junto com o pai, no rio Paranaíba, a 2 de setembro de 1979.

*

4 - *Éder*: Filho menor de Pedro Souza.

*

5 - *Flávio*: Menor, sobrinho de Pedro Souza.

*

6 - *Maria*: Maria de Oliveira e Souza, esposa de Pedro Souza, residente em Araguari, à Rua Dr. Ciro Palmerston, 381.

*

7 - *Adriano, Alexandre, Éder*: Filhos menores de Pedro Souza.

*

8 - *Pedro*: Avô de Pedro Souza, há muito desencarnado.

*

9 - *Dr. Alberto e Dr. Adalindo*: Dr. Alberto Moreira e Dr. Adalindo de Amorim, médicos humanitários, já desencarnados, há muitos anos, em Araguari, os quais, por seus méritos (deixaram largo exemplo de desprendimento cristão junto à chamada pobreza de Araguari, em seu apostolado médico), tiveram seus nomes agraciados pela municipalidade em tributo de gratidão e respeito, inclusive dados, por lei, a ruas da cidade.

*

10 - "O Éder não teve culpa de me pedir fosse atender ao Flávio, que estava em dificuldade para sair das águas." — Tudo o que o Espírito comenta é absolutamente autêntico e inteiramente desconhecido do médium Xavier.

A esposa, limitada por antigas concepções próprias, profundamente atingida pela inesperada separação do companheiro e do filho, traumatizada, passou a chorar constantemente e imensamente a sua amargurada inconformação, com a idéia fixa de uma suposta culpabilidade, inclusive dos filhos menores, principalmente Éder, pelo ocorrido.

Conduta, entretanto, exemplarmente modificada, após a recepção desta primeira mensagem e seu contato com a Doutrina Espírita, em cujo movimento assistencial, notadamente nas tarefas de sopa aos mais necessitados, se encontra vinculada, até o presente momento.

Hoje, D. Maria sabe aconselhar às demais criaturas em semelhantes situações, quanto à necessidade da aceitação e renúncia, compreensão e amor, diante dos Desígnios de Deus.

* * *

Mensagem II, recebida a 19 de novembro de 1982.

1 - "Devoto e festeiro em homenagem à Santa Rita": Prova inconcussa da autenticidade desta página mediúnica.

*

2 - *Porto Barreiro*: Povoado à margem do Rio Paranaíba, município de Araguari.

*

3 - *Mãe Augusta*: Genitora desencarnada de Pedro Souza.

*

4 - *Herivelto e Donátila*: Filhos de Pedro Souza, residentes em Araguari.

*

5 - "Atirei-me instintivamente naquele mar de águas grossas, e acabei me atrapalhando. . . / Senti que a terra me faltava aos pés e que se abria uma cava enorme, encoberta pelas águas." — Remetendo o leitor ao Capítulo 3, acima; às páginas 112-115 de *Anuário Espírita 1964*¹; ao Capítulo 13 de *Presença de Chico Xavier*²; e às páginas 143-144 de *As Curas Milagrosas* (original inglês: *Miracle Cures for the Millions*), de G. Victor Levesque³, transcrevamos parte de um excelente estudo de Ernesto Bozzano, inserto na obra-prima que é *A Crise da Morte*⁴:

"Primeiro Caso

Extraio este fato de uma obra intitulada: *Letters and Tracts on Spiritualism*, obra que contém os artigos e as monografias publicadas pelo Juiz Edmonds, de 1854 a 1874. Sabe-se que Edmonds era notável médium psicógrafo, falante e vidente. Alguns meses depois da morte acidental de seu confrade, o juiz Peckam, a quem ele muito estimava, deu-se o caso de Edmonds escrever longa mensagem, em que seu amigo morto referia as circunstâncias de sua morte. As passagens seguintes são tiradas da mensagem em questão:

Se houvera podido escolher a maneira de desencar-

1 *Anuário Espírita 1964*, "Evidente demonstração de que a morte não é o fim", IDE, Araras, SP.

2 Elias Barbosa, *Presença de Chico Xavier*, 2a. edição, revista, 1979, IDE, Araras, SP, pp. 56-58.

3 G. Victor Levesque, *As Curas Milagrosas*, Trad. de Paulo Perdigão, Edições Bloch, Primeira edição brasileira: 1972, Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

4 Ernesto Bozzano, *A Crise da Morte*, segundo o depoimento dos Espíritos que se comunicam, Trad. de Guillon Ribeiro, FEB, Rio, 4a. edição, 1979, pp. 23-24.

nar, certamente não teria preferido a que o destino me impôs. Todavia, presentemente não me queixo do que me aconteceu, dada a natureza maravilhosa da nova existência que se abriu subitamente diante de mim.

No momento da morte, revi, como num panorama, os acontecimentos de toda a minha existência. Todas as cenas, todas as ações que eu praticara passaram ante o meu olhar, como se houvessem gravado na minha mentalidade, em fórmulas luminosas. Nem um só dos meus amigos, desde a minha infância até a morte, faltou à chamada. Na ocasião em que mergulhei no mar, tendo nos braços minha mulher, apareceram-me meu pai e minha mãe e foi esta quem me tirou da água, mostrando uma energia cuja natureza só agora compreendo. Não me lembro de ter sofrido. Quando imergi nas águas, não experimentei sensação alguma de medo, nem mesmo de frio, ou de asfixia. Não me recordo de ter ouvido o barulho das ondas a se quebrarem sobre as nossas cabeças. Desprendi-me do corpo quase sem me aperceber disso e, abraçado sempre à minha mulher, segui minha mãe, que viera para nos acolher e guiar.

O primeiro sentimento penoso só me assaltou quando dirigi o pensamento para o meu caro irmão; porém, minha mãe, percebendo-me a inquietação, logo ponderou: "Teu irmão também não tardará a estar conosco." A partir desse instante, todo sentimento penso desapareceu de meu espírito. Pensava na cena dramática que acabara de viver, unicamente com o fito de levar socorro aos meus companheiros de desgraça. Logo, entretanto, vi que estavam salvos das águas, do mesmo modo por que eu o fora. Todos os objetos me pareciam tão reais à volta de mim que, se não fosse a presença de tantas pessoas que sabia mortas, teria corrido para junto dos naufragos.

Quis informar-te de tudo isto, a fim de que possas mandar uma palavra de consolação aos que imaginam que

os que lhes são caros e que desapareceram comigo sofreram agonias terríveis, ao se verem presas da morte. Não há palavras que te possam descrever a felicidade que experimentei, quando vi que vinham ao meu encontro ora uma, ora outra das pessoas a quem mais amei na Terra e que todas acudiam a me dar as boas-vindas nas esferas dos imortais. Não tendo estado enfermo e não tendo sofrido, fácil me foi adaptar-me imediatamente às novas condições de existência. . .”

* * *

Não obstante já razoavelmente extenso o presente capítulo, aproveitando o ensejo do lançamento de mais uma versão cinematográfica de *Os Miseráveis*, no Brasil, recapitulemos o drama vivido por Victor Hugo, estudioso do Espiritismo, citado por Allan Kardec, às páginas 233 do Vol. VI; 58 do Vol. VIII; e 10-20 do Vol. XII da *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* (Edicel, São Paulo), que extraímos de *Victor Hugo*, da coleção *Os Gigantes da Literatura Universal*⁵:

“Conhece a tragédia pelos jornais: Didine morrera afogada

No limiar da maturidade, em plena curva ascendente da glória e fortuna, o poeta foi atingido na mais tenra e mais pura das suas afeições: a que o unia a Léopoldine, a filha mais velha. Léopoldine — Didine para a família — tinha casado, em Fevereiro, com o rapaz de quem

⁵ *Victor Hugo*, OS GIGANTES da Literatura Universal, Versão portuguesa de Fernando Melro (antologia) e de José de Nel-Castro (outros textos), Editorial Verbo, 1972, pp. 20-30.

Sobre as famosas sessões na casa de Victor Hugo e a comunicação do Espírito de Léopoldine, através das “mesas falantes”, na ilha de Jersey, graças à iniciativa da Sra. Émile de Girardin, consultemos as páginas 139-182 de *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, de Zéus Wantuil (1a. edição, FEB, Rio, 1958), e as páginas 221-226 de *Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo*, de Sílvio Brito Soares (1a. edição, FEB, Rio, 1962).

gostava: Charles Vacquerie, na verdade um “bom partido”, o filho mais velho duma rica família de armadores estabelecidos no Havre. O jovem casal foi viver para Villequier, na margem direita do Sena, não longe do mar. Partindo para férias do Verão de 1843 (na companhia de Juliette Drouet, como era costume), Victor Hugo esteve com a filha no Havre: ela estava grávida de três meses e parecia no cúmulo da felicidade. Contudo, no momento de dizer adeus ao pai — sabe Deus com que pressentimento —, pôs-se a suplicar-lhe que não partisse. Foi um adeus impregnado de tristeza; e a viagem por Espanha não representou mais que alguns momentos ilusórios. Uma angústia inexplicável acompanhava o escritor nos seus passos. No regresso, apossou-se dele uma inquietação febril. a 9 de Setembro, ao voltarem a França, os dois viajantes pararam num café de Rochefort para se refrescar e ver os jornais, que já não liam havia dias. Abrindo ao acaso um, Hugo soltou uma exclamação abafada: “É horrível!”, e ficou como que fulminado. O jornal dava todos os pormenores da morte da filha e do genro, que tinham perecido no Sena havia cinco dias, próximo de Villequier. Tinha sido o epílogo trágico e brutal de um passeio de barco: uma brusca rajada de vento voltara a frágil embarcação, precipitando os ocupantes na água. Charles Vacquerie, excelente nadador, quis salvar a esposa, mas ela, louca de terror, agarrava-se à quilha do barco. Então, vendo que não conseguia desprendê-la, deixou-se ir a pique com ela. Foram ambos sepultados no mesmo túmulo no pequeno cemitério de Villequier. Victor Hugo fica abatido por profunda mágoa, mais agravada ainda porque não se considerava isento de culpa. Perguntava a si mesmo sem cessar se “o pai de família não estaria já a pagar os erros do amante, que tinha deixado de velar pelos seus.” De fato, a trágica notícia tinha-o surpreendido longe da família, em companhia de Juliette. Desde então, todos os anos, na data fatídica, fez uma peregrinação a Villequier; quan-

do foi obrigado a exilar-se, continuou a visitar o lugar, em pensamento e por meio da poesia.”

* * *

Acatando amável sugestão de nossos Editores, por já estar de há muito esgotada a edição do *Anuário Espírita 1964*, e por não ter o *Presença de Chico Xavier* saído com os fac-símiles que impressionaram tantos leitores na época da publicação, tendo repercutido no Exterior, achamos por bem concluir este capítulo com a página de Wilsom de Oliveira e os referidos fac-símiles — a foto e as assinaturas de um jovem que retornou ao Plano Espiritual, através de um acidente por afogamento.

Que Jesus nos abençoe, hoje e sempre, e possamos prosseguir estudando as obras de Allan Kardec, de modo infatigável, precatando-nos contra qualquer processo obsessivo e nos esforçando no sentido da reforma íntima, imprescindível e inadiável a cada um de nós.

* * *

EVIDENTE DEMONSTRAÇÃO DE QUE A MORTE NÃO É O FIM

Quanto mais estudamos a Doutrina Espírita, procurando na medida do possível tudo passar pelo crivo da razão, à maneira de Kardec, mais nos convencemos do caráter divino do Espiritismo em sua missão de Consolador, e passamos a compreender melhor porque homens da envergadura de um William Crookes, um Alfred Russel Wallace, um Lombroso e tantos outros cientistas eméritos se entregaram, sem qualquer receio, à publicação de obras documentárias de suas próprias experiências ante os fatos espíritos.

Como não poderia deixar de ser, nos dias que correm, esses mesmos fatos espíritos se multiplicam, em toda parte, à espera de observadores sinceros que os divulguem para benefício de quantos ainda não tiveram o ensejo de sentir, em espírito e verdade, os princípios da Terceira Revelação.

Um dos Inúmeros Fatos

Algo digno de nota, sem dúvida, foi o que se deu na noite de 28 de junho de 1963, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas Gerais, quando, ao final da costumeira reunião pública, o médium Francisco Cândido Xavier, após receber a admirável página de Emmanuel, psicografou curta mensagem, na folha de pedido de orientação que a Sra. Júlia Gomes de Oliveira solicitara, naquela noite.

Evidentemente, o médium Francisco Cândido Xavier, como também todos os demais companheiros da seara espírita uberabense e de outras terras, ali presentes, desconheciam o problema de D. Júlia, ao pedir a orientação espiritual.

A desencarnação na represa

Com os olhos banhados de lágrimas, D. Júlia contou-nos, bem depois do impacto que a mensagem lhe causou, o que se deu, com efeito, meses antes. Wilsom de Oliveira, seu filho e de Bento de Oliveira, nascido a 12 de outubro de 1946, era natural de Barretos, Estado de S. Paulo, onde fez um curso de mecânico-torneiro, até o 2.º ano. Verificando a impossibilidade, em sua terra natal, de cursar a 3a. série, seus pais tencionaram mudar-se para Uberaba, com o que Wilsom não concordou, julgando que “a sua felicidade estava em Jundiaí”, no Estado de S. Paulo, para onde se transferiram, realmente, pouco tempo de-

Júlia Gomes de Oliveira - 43 anos
 Presente

Querida Mamã,
 peço a tua bênção para me
 abençoar. Junto com o
 tio José rogar ao seu coração
 paciência e calma. Resolvi-
 se a mim e do papai,
 dos meus irmãos, de todos.
 Preciso da tua bênção
 e da tua fé em Deus. Não
 posso quer a minha parte da
 vontade de Deus. Tudo obedecer
 às leis de Deus. Estou mais
 forte, mas precisando de sua
 auxílio e o auxílio de sua
 conformação. Mamã, anjo meu
 as crianças, os filhos, por
 pena o bom. Não me deixem por
 em uma causa. Jesus está em toda
 parte para a bênção. Papai e os
 irmãos, todos, todos. Wilsom de Oliveira

Fac-símile da mensagem de Wilsom de Oliveira, psicografada pelo médium Chico Xavier.

pois. Pretendiam, mãe e filho, ir a Barretos, no dia 4 de maio de 1963. Não lhes sendo possível, porém, arranjar os necessários passes, resolveram dar rápido passeio à Fazenda Ipê, em Itatiba, Estado de S. Paulo, naquele dia, quando o rapaz, após ligeiro "mergulhão" em represa de pouca profundidade, de lá foi retirado em péssimas condições físicas, vindo a desencarnar, duas horas depois sendo seu corpo sepultado, posteriormente, em Jundiá. Sr. Bento e D. Júlia, não obstante espíritas há 23 anos, naturalmente precisavam, principalmente a distinta mãe de Wilsom, pelo menos destas duas frases consoladoras: "Não pense que a minha partida pudesse ser evitada sem o nosso passeio. Tudo obedece às leis de Deus."

Idênticas as assinaturas

A fim de que possamos comprovar a veracidade do fato que ora expomos, não somente pelo que tem de confortador — provando uma vez mais que a morte não cessa no túmulo —, com vistas à documentação, necessária sempre, solicitamos ao leitor observar a semelhança da assinatura de Wilsom quando entre os encarnados e a de Wilsom após a desencarnação, através da psicografia, perante centenas de pessoas.

Tais fatos, com efeito, falam por si mesmos, e se prestam à confirmação de que o Espiritismo é, sem dúvida, o Consolador Prometido por Jesus, o Divino Mestre.

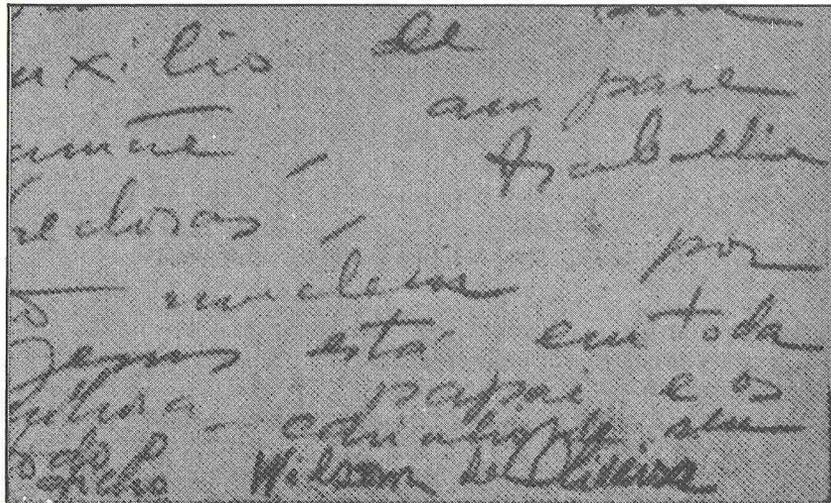
A Mensagem consoladora

Querida Mamã,
 Peço à senhora para me abençoar.

Venho com o tio José rogar ao seu coração paciência e calma.



Fac-símile da pág. 9 da Carteira de Trabalho do menor Wilsom de Oliveira. Note-se a semelhança desta assinatura (inclusive com o inabitual *m* do nome Wilsom) com a da página psicografada.



A assinatura da página psicografada em ponto maior.

Lembre-se, mamãe, do papai, dos meninos, de nós todos.

Precisamos da sua coragem e da sua fé em Deus.

Não pense que a minha partida pudesse ser evitada sem o nosso passeio. Tudo obedeceu às leis de Deus.

Estou mais forte, mas precisando de seu auxílio — o auxílio de sua conformação.

Mamãe, ampare as crianças sofredoras, trabalhe para o bem.

Não mudem por minha causa. Jesus está em toda parte.

Para a senhora, papai e os irmãos queridos, todo o carinho de seu filho

Wilsom de Oliveira



Pituchinha - Maria Beatriz de Vasconcelos

9

**Pituchinha - Maria Beatriz de Vasconcelos –
PINGO DE SOL**

Querida mamãe Selma e querida Patrícia.

Estamos em nossa peregrinação da prece, aproveitando-a para o intercâmbio espiritual.

Mãezinha querida, a nossa Luciana vai seguindo bem.

Parece uma pequena princesa, resguardada por forças que a protegem.

Não convém provocarmos um encontro, porque esse encontro virá de Deus.

Pode estar certa de que ela não se esquece da vovó Maria Selma, e também aguarda com alegria o momento de receber-lhe o carinho.

O nosso Diogo é o nosso querido companheiro, pingo de sol em nossos corações e em nossa casa.

Graças a Deus, a nossa Patrícia está forte e tranqüila, a fim de apoiá-lo e proteger-lhe a existência.

Estamos seguindo o reajuste espiritual de nossa Eliana.

Ela esteve acometida por grande fadiga, mas vai melhorando. Sei, mãe querida, que as suas lutas são grandes, mas a Bondade Infinita dos Céus é muito maior que as nossas dores.

Digo nossas dores, significando nossas luzes, porque ninguém progride sem o sofrimento.

Estou bem, trabalhando, como se me faz possível, em favor de todos os nossos.

Com um beijo em nossa Patrícia, peço-lhe guardar em sua alma querida, o coração de sua filha, sempre a sua

Pituchinha

Maria Beatriz de Vasconcelos

* * *

Maria Beatriz de Vasconcelos, carinhosamente apelidada de Pituchinha, desde o seu primeiro mês de idade, nas mensagens anteriores que transmitiu à sua mãezinha, através do médium Chico Xavier, em número de oito, e uma à irmã Beatriz, a primeira, recebida a 9 de agosto de 1980 e a penúltima, a 26 de março de 1983, num total de dez com a que acabamos de ler, ora assinava, nas demais páginas mediúnicas, Maria Beatriz Prates Prisco, ora somente Pituchinha, ora Maria Beatriz Vasconcelos Prates Prisco, nasceu em Belo Horizonte, Minas, a 2 de maio de 1945, e desencarnou no Rio de Janeiro, em consequência de parada cardíaca, a 19 de março de 1980, filha do Sr. Carlos Prates e de D. Maria Selma Vasconcelos Prates.

1 - *Mamãe Selma e Patrícia*: Sra. mãe e irmã — Patrícia Vasconcelos de Biase, residentes no Rio, à Rua Ai-

res Saldanha, 140, Apto. 901, CEP 22060, fone: 021-521-4001.

*

2 - *"A nossa Luciana"*: Trata-se da filha, nascida a 28 de abril de 1971, residente no Rio, em companhia do genitor e de sua avó paterna.

*

3 - *"O nosso Diogo"*: Diogo de Vasconcelos Lobo, sobrinho, nasceu no Rio, a 4 de junho de 1982, filho da Sra. Patrícia.

Muito loiro e dono de grande inteligência, daí ser chamado de "pingo de sol", pela querida tia desencarnada.

*

4 - *"Nossa Eliana"*: D. Eliana Prates de Oliveira, irmã, casada com o Dr. José Alberto de Oliveira, distinto pediatra, residentes no Rio.

D. Eliana, com efeito, esteve adoentada, semanas antes.

*

5 - *"Digo nossas dores, significando nossas luzes, porque ninguém progride sem o sofrimento."* — Depois de afirmar que a "Bondade Infinita dos Céus é muito maior que as nossas dores", vem D. Pituchinha demonstrar-nos que num Planeta qual o nosso, de provas e expiações, por enquanto, necessitamos das *dores-luzes* para que possamos triunfar sobre nós mesmos, removendo a pesada carapaça de erros e desacertos acumulados em nossas tessitura espiritual, ao longo dos milênios, graças à Misericór-

dia do Pai concedendo-nos novas oportunidades na feira imensa das vidas sucessivas.

* * *

D. Maria Selma, que sempre cultivou um hábito salutar de escrever um álbum para cada um de seus cinco filhos — Eliana, Simone, Pituchinha, Luiz Otávio e Patrícia —, registrando todos os acontecimentos ligados a cada um deles, do nascimento aos quinze anos de idade, deixando que prossigam tomando notas, a partir dessa idade, registra num de seus diários, no *Histórico das Viagens a Uberaba*, logo após o recebimento da décima e última das mensagens mediúnicas de sua querida filha, a 14 de abril de 1984, a seguinte prece com qual encerramos este capítulo:

“Senhor Jesus, abençoa o médium Chico Xavier, hoje e sempre, para que ele, com saúde, possa continuar consolando as mães desesperadas que o procuram, e dar a cada uma delas o que eu recebi: a paz, a conformação ante o irremediável e a alegria de viver com a disposição de perdoar as ofensas!”

10

Ricardo Jorge Pereira — CONVERSANDO DE PENSAMENTO A PENSAMENTO

Querida mãezinha Gelta, estou em prece, rogando a Deus nos abençoe.

O coração materno tem força na Terra e no plano espiritual.

O seu carinho viajou, atravessando tantos quilômetros, com o fim exclusivo de encontrar-nos e aqui estou à feição de um bloco de metal que fosse ativado pela força de um ímã.

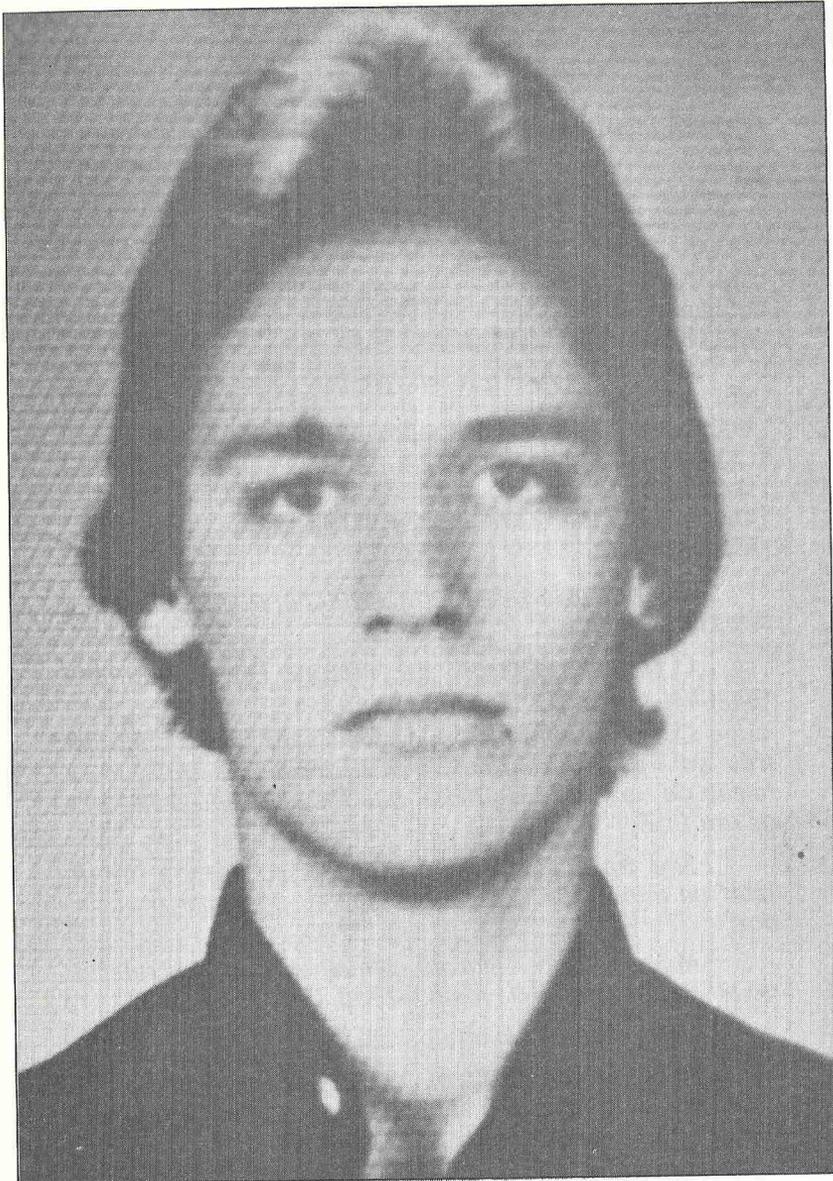
Sou trazido especialmente por seu amor a fim de falar de mim e dar notícias de que eu possa ser o portador.

Mamãe, tudo decorreu calmamente em nos referindo ao assunto de 25 de maio último.

Compreendi o que se passava.

A certeza de que a moléstia difícil assenhoreara-se de todas as minhas forças; constringendo-me a deixar a resistência física que ainda estava comigo.

Abraçá-la e abraçar o papai Otávio consciente de



Ricardo Jorge Pereira

que não lhes falaria mais no corpo que me exigia repouso, não foi fácil.

No alvorecer de 25 de maio, amanheci com a íntima intuição que o término das forças me alcançavam.

Sabia que o regresso do hospital para a casa, sem melhoras apreciáveis, era a circunstância mais clara ao meu problema.

Deixar a existência terrestre, quando tudo parecia me acenar a permanência em meus serviços começantes, me feriam profundamente o coração, embora fizesse muita força para disfarçar as impressões reais de que me sentia possuído.

Foi necessário a oração vezes e vezes, apegando-me a idéia de mais delonga junto aos pais queridos.

Mas, uma força inabordável me destruía as células na intimidade da vida orgânica.

Quase 22 anos para iniciar o trabalho que pretendia fazer, construíram somente o alicerce que me cabia abandonar. . .

Ainda assim, esforcei-me para entender a Lei de Deus que funcionava com tanta exatidão sobre mim, e rendi-me ao Poder Superior.

Foi aí, quando a aceitação se me fez plena, é que comecei a liberação do feixe de dores a que me via preso.

Tudo se resumiu a um sono inexplicável, do qual despertei com muitas perguntas dos amigos que me cercavam.

Queriam saber o que eu fizera do tempo e o que pretendia prosseguir realizando.

Respondi com sinceridade que me propunha a auxiliar o papai na condução dos nossos serviços, pois era a minha aspiração essencial.

Entretanto me esclareceram que eu devia conformar-me com a renovação havida, e dispondo-me a servir a outras pessoas no mundo físico, pude conquistar a satisfação de estar perto daquele que com a sua maior ternura cuidou da minha vida.

Sei que nossas dificuldades foram extremas.

Meu pai adoeceu, gravemente, e, vemo-lo até hoje com as nossas preocupações, para dotá-lo de conformismo e ânimo.

E assim, querida mãezinha, conquanto os pensamentos de tristeza negativa que nos conturbam ainda em muitas ocasiões, continuo conseqüentemente ao lado dele, a fim de transmitir-lhe todas as energias de que eu possa dispor, enquanto o céu me permitir essa bênção.

Peço ao seu carinho não se afligir tanto por seu filho.

Aqui prossigo em nossas tarefas de apoio recíproco.

Encontrei a bisa Herondina, de quem ouvira referências em meu tempo curto na Terra e ela me abraçou como filho do coração.

Caminho gradativamente para diante, e venho rogar a sua bondade e a bondade querida do papai Otávio, para que me auxiliem com pensamentos positivos de paz e confiança.

Mãezinha, sou grato por todas as suas demonstrações de amor para comigo.

Tudo está registrado em mim.

Aquelas noites longas, em que o relógio nos parecia mais lento, aquele carinho a observar se me achava bem, a sua reserva discreta, desejando ocultar-me a gravidade do meu próprio estado aos meus olhos, aquele carinho de enfermeira infatigável estão comigo, e peço a Deus recompensá-la com energias renovadas, a fim de que possa con-

tinuar em suas tarefas de anjo bom, à frente do papai Otávio, que vem recebendo tratamento seguro.

Diga-lhe, querida mamãe, que continuamos juntos, conversando de pensamento a pensamento.

Deus nos auxiliará para vê-lo melhorando cada vez mais.

A vida é sempre um quadro de diversas oportunidades de servir e aprender e espero que o papai me compreenda.

O nosso amigo Dr. Leocádio, com os seus assessores, muito me ampararam no transe da libertação.

Registro esse fato, porque desejo que os pais queridos se reúnam a mim no reconhecimento que lhe devo.

A bisa Herondina é uma enfermeira valente, e estou quase feliz, não fossem as saudades que são aqui um sofrimento geral para todas as criaturas que atravessaram as paralelas da espiritualidade.

Espero, querida mãezinha, voltar a escrever-lhe com mais segurança, em breve.

Peço-lhe abolir as lágrimas de nosso relacionamento através da prece.

Seu filho está sempre mais vivo do que nunca, e alimentando os melhores projetos para o futuro.

Estejam calmos e felizes, porque Deus, o Pai de nós todos, espera que lhes atendamos as determinações com alegria.

Confiemos, hoje, aguardando o melhor para o amanhã.

Isso é o que desejo dizer-lhes, pensando em nossa paz e agradecendo os bons amigos de Curitiba, que lhe incentivam o espírito para esta viagem, que vale para mim por santo reencontro.

Deixo para o seu carinho e para o querido papai Otávio, todo esse amor que me explode no coração, com isso mamãe, sou o seu fã número um em nossas lembranças da minha Cica de sempre.

O seu filho e companheiro de todos os momentos,

Ricardo

Ricardo Jorge Pereira

* * *

Antes de relacionar as nossas próprias impressões, colhidas numa entrevista com os senhores pais de Ricardo, em sua residência, na tarde de 23 de janeiro de 1982, em Curitiba, graças à gentileza do amigo Sr. Jales Ribeiro de Melo e de sua digna Esposa, D. Magdalena, transcrevamos, na íntegra, o depoimento, em manuscrito, de D. Gelta, que nos chegou às mãos, no dia 26 de abril de 1983, sobre o seu querido filho desencarnado e a mensagem psicografada pelo médium Xavier.

Ei-lo:

“RICARDO JORGE PEREIRA

Nasc. : 25/06/57.

Fal. : 25/05/79.

Morreu de câncer. Sempre teve muita saúde.

Trabalhava no SESI (Serviço Social da Indústria).

Estava na Faculdade, cursando Administração de Empresas.

Jogava futebol de campo, futebol de salão, pas-

seava, dançava, namorava, como qualquer jovem de sua idade.

Era filho único, muito bom, amoroso e com um coração enorme.

Tanto os parentes quanto os amigos o adoravam.

Entre a 1a. dor e a sua morte, houve um espaço de exatamente 100 dias.

O câncer, ao manifestar-se, imediatamente generalizou-se, não havendo a mínima esperança de cura.

Sofreu 100 dias, aos gritos, mas sem nunca mostrar, através de palavras, uma revolta sequer.

Ficou consciente até o fim.

Cantava, tocava violão e outros instrumentos, participava de rodas de samba, enfim, gostava da vida e a aproveitava, da melhor maneira possível.

Citações da Psicografia

Por acompanharem meu desespero, diversas pessoas me aconselharam ir até Uberaba, a fim de tentar receber uma psicografia do meu filho, para ver se conseguiria, senão o esquecimento, ao menos a conformação, a aceitação do fato.

Deus foi muito bom conosco, pois, conseguimos esta mensagem que muita força nos deu e continua sendo nosso apoio.

Quando cita *bisa Herondina*, refere-se à minha avó, já morta há cerca de 30 anos, e que meu filho nem conheceu, e muito pouco se falava dela, devido ao tempo que havia passado, desde sua morte.

Seu nome era *Herondina Gonçalves de Farias*, casada com Ermelino Gonçalves de Farias, ambos já mortos, e que sempre residiram em Curitiba.

Com relação à *doença do pai*, onde ele afirma a sua ajuda e força, tanto a ele, quanto a mim, isto aconteceu após 8 meses da morte de nosso filho, chegando meu marido a perder uma perna, provocada por trombose¹.

Ao se despedir, quando diz "minha Cica de sempre", refere-se a mim, pois ele, *só ele*, me chamava "minha Cica querida", um apelido carinhoso e ao mesmo tempo para mexer comigo, por ser eu de compleição grande, e tudo fazer para parecer menor, ele resolveu que eu seria sua Cica, para os outros acharem que era meu apelido, mas, para ele, eu era o elefantinho da Cica, que ele muito amava.

São seus pais:

Otávio Pereira — nascido a 06/02/1920, em Curitiba.

Atualmente, está aposentado pelo SESI (Serviço Social da Indústria), sito à Rua Cândido de Abreu, 200.

Gelta Gelboke Pereira — professora, ainda atuante, autora de obras didáticas: *Enciclopédia Ilustrada para a Educação Básica* — Primário, de 1.º a 5.º ano — 15a. edição; *Educantógrafo: Recursos Áudio-Visuais* — 1.º a 8.º ano — 2a. edição.

Autora do *Hino da Cruz Vermelha Infantil*, aprovado no mundo, após participar de um Congresso, na Suécia.

Residem ainda no mesmo local, onde o Ricardo nasceu e morreu:

¹ Na carta que acompanhou o material de que ora estamos nos servindo, datada de Curitiba, 21/4/83, o confrade Jales Ribeiro de Melo colocou o seguinte *post-scriptum*: "Foi amputada a outra perna do pai do Ricardo."

Rua Carlos de Campos, n.º 70 - Bairro Boa Vista - Curitiba - Paraná - telefone: 252-4643."

* * *

Passemos, agora, ao que conseguimos apurar sobre Ricardo e a mensagem que transmitiu, através do médium Xavier, a 5 de abril de 1980, na entrevista com seus pais, a que nos referimos linhas atrás.

1 - No SESI, onde o pai trabalhava, Ricardo exercia o cargo de Monitor.

*

2 - Era filho adotivo.

Depois de 11 anos de casados, Sr. Otávio e D. Gelta resolveram adotar um garoto.

Ao buscá-lo, no Hospital, onde nasceu, houve um desencontro de D. Gelta com a enfermeira, tendo esta levado o recém-nascido para o carro, onde o Sr. Otávio o aguardava, nos braços da esposa.

"Vendo-o, fiquei louco por ele", disse-nos o entrevistado.

Sendo adorado por todos, ninguém percebia que ele era filho adotivo, e D. Gelta, antes da desencarnação de Ricardo, guardou absoluto sigilo a esse respeito. Daí a sua preocupação de quando o filho, na Vida Maior, viesse a saber toda a verdade relacionada com a sua origem.

Certa noite, um sobrinho de D. Gelta sonhou com Ricardo, mandando este o seguinte recado para a sua mãezinha: "Se eu amava a senhora antes, agora, amo-a muito mais, por saber que a senhora é minha mãe adotiva!"

*

3 - Ele sempre reclamava pela presença de uma irmã.

*

4 - Fez a Primeira Comunhão, mas não freqüentava a Igreja Católica.

Gostava do Espiritismo.

*

5 - Sua bisavó, D. Herondina Gonçalves de Farias, era espírita.

*

6 - Durante os cem dias em que o carcinoma testicular lhe minou o corpo denso, olhava Ricardo, nas horas de sofrimento mais intenso, para uma estampa do Cristo, e pedia alívio.

*

7 - O médico a que ele se refere, na mensagem, é o Dr. Leocádio José Correia, do Instituto de Medicina e Cirurgia do Paraná.

*

8 - Quando veio a Uberaba, à procura de Chico Xavier, ao notar que o médium de Emmanuel ia entrando em sua casa, D. Gelta desceu do ônibus e correu-lhe ao encontro, ouvindo dele as seguintes palavras:

— Se a senhora tiver que ser atendida, será!

Logo mais, — era um sábado de muita chuva —, ao conseguir se aproximar, novamente, do Chico, disse-lhe:

— Chico, eu perdi um filho único, e estou desesperada!

Ao que o médium veterano do Espiritismo respondeu:

— Ele está aí perto da senhora. Deus abençoe o seu coração!

Nenhuma palavra mais articulou D. Gelta, até que alta madrugada, do lado externo das dependências do Grupo Espírita da Prece, ouviu, tomada de grande emoção, o seu nome e o de Ricardo Jorge Pereira.

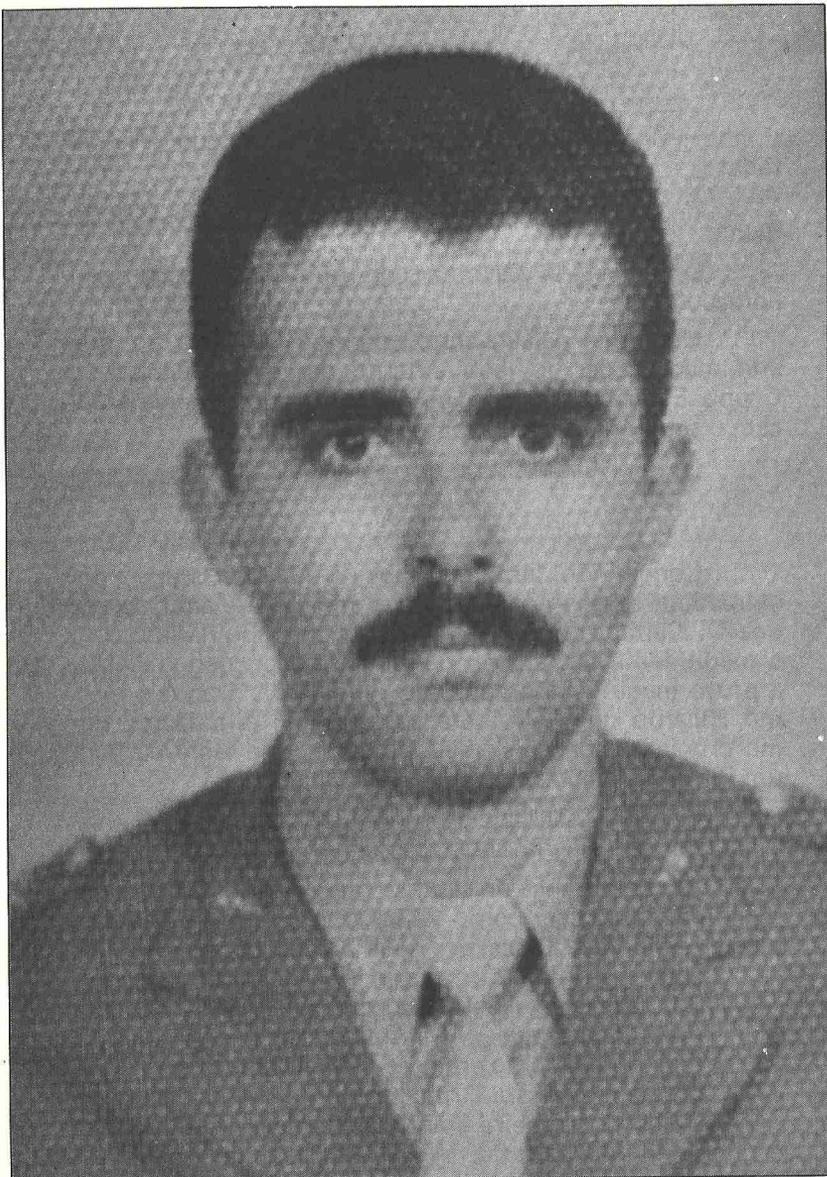
Daí por diante, seria outra a sua vida.

* * *

Concluindo, lembremo-nos de que é seríssima a peça mediúnica que nos mereceu a atenção até aqui, de vez que D. Gelta, se limitando a conversar pouquíssimo com o médium Xavier, através de seu lápis abençoado recebeu a prova inequívoca de que seu filho vive e é aquele mesmo Ricardo que dela mereceu as seguintes palavras, numa crônica — “Adeus, meu filho” —, que escreveu para um jornal de grande circulação, em Curitiba:

“Sim, saudade do filho querido que por 21 anos nos deu alegria, satisfação, amor.

Lembrança do seu riso maravilhoso que inundava nosso lar, como o sol que ilumina o mundo. Lembrança louca dos seus braços longos que nos enlaçavam com firmeza, das mãos bem torneadas, dos seus dedos de artista que se entrelaçavam nos meus como que a transmitir calor, segurança. E seus olhos, como eram belos. Falavam comigo através da expressão. Brilhavam tanto que pareciam estrelas de primeira grandeza. Cantava, ria, dançava. Só tinha 21 anos. Era toda vida, felicidade, alegria.”



Ruilon Quirino Ribeiro

11

**Ruilon Quirino Ribeiro —
“SER PAI É ALGO DE EMOCIONANTE”**

Querida Mãezinha Adm, abençoe-me com a bênção de meu pai.

Ainda estou perplexo.

Ao escrever-lhes, com o auxílio do nosso estimado Harley, me sinto num estranho regresso à perturbação, em que me vi na noite em que tomava o volante, pensando mais em nossa Eliana e em nossa criança a nascer, do que no velocímetro.

Ser pai é algo de emocionante.

O coração parece desfazer-se em alegria.

O cérebro esfogueado de ansiedade imaginava planos mil. . .

Não observei que a noite avançava e que a escuridão descia do trono da meia-noite para que o retorno do dia não fosse conturbado.

Via somente a família, incluindo a sua presença de avó que eu desejava viesse a ser a mais feliz das avós do

mundo, quando o carro esbarrou num corpo resistente e escuro. . .

Sei que não cochilava, guardava a consciência de que respeitara os sinais. . . (ou não respeitara?)

O meu campo emotivo estava diferente e excessivamente feliz para pensar em verificações.

Vi no entanto, o veículo retorcer-se e moer-se, como se tivesse sido transformado, de repente, num brinquedo de monstros.

Não sei descrever o que senti.

Um misto de espanto e temor se me apoderou de todas as forças, e procurava por mim próprio sem me encontrar, porque tive a impressão de que me haviam arrancado ao corpo físico, assim como se toma a capa de alguém.

Eu estava ali e não estava.

Sentia-me dentro de uma duplicidade que me aterrorava.

O mundo de angústia no qual penetrara, não me permitia reconhecer a mim mesmo naquele corpo que as circunstâncias me furtavam.

Pensei em Deus.

Recordei as preces do tempo de criança, quando uma senhora me apareceu, ali mesmo, dirigindo-me palavras de bênção.

Atônito, fiquei a imaginar se ela seria passageira do lado, sem que eu percebesse, quando tomou-me pela mão e me conduziu para o verde que marginava a estrada, apontando-me para o céu estrelado. . .

Que eu me acalmasse e contasse com a Proteção Divina. . .

Não tive tempo para saber se o meu coração estava

resignado ou pleno de revolta, diante do imprevisto que me distanciava da existência física, e dormi sem o menor desejo de alhear-me do que se passava.

Queria permanecer de pensamento aceso, de modo a compreender o que se passava, no entanto, a força que me governava por dentro de mim, ordenando-me repouso, era mais forte do que o meu propósito de conhecer o acidente de que fora vítima.

Isso estava claramente certo em meu íntimo.

Um desastre com a presença da morte, quando eu esperava uma criança que nascia. . .

Antes que me rebelasse contra as Leis da Vida, o sono me imobilizou, e de nada mais vim a saber, senão quando acordei sob os cuidados da protetora, que me afirmou ser minha avó Maria Menezes, a resguardar-me.

O que lastimei e o que reclamei, ainda estou para recordar, porque me sentia lesado por todas as forças da Criação.

Minha avó, acompanhada do nosso amigo Harley, me doutrinou como se instrísse um menino qualquer num jardim de infância, e comecei a compreender.

Escutava as suas perguntas e as indagações do Papai Mozart, minhas lágrimas pareciam sem fim. . .

Entretanto, escutei orações de Eliana e de corações amigos sob a bondade da vovó Maroca e, com os dias de renovação e de esperança, voltei à casa em que Eliana e a Mãezinha Maria Helena sustentavam nos braços o meu filhinho. . .

Eu estava na condição do homem que era o dono de uma festa, sem a possibilidade sequer de carregar, de leve, a criança que eu esperava tanto!. . .

Mãe, o seu coração me compreenderá sem que eu procure tingir com letras a minha dor de pai morto-vivo. . .

Encontrei amigos que me confortaram.

Aquela a quem aprendi a chamar por vovó Mercedes colaborou com a minha avó, e acabei transformando as lágrimas em preces de gratidão a Deus.

Foi assim que tudo começou ou recomeçou para mim (não sei bem), e agora procuro adaptar-me à realidade para ser útil à família.

Mamãe Adm, desculpe-me com meu pai se falei tanto.

Desejava, no entanto, fazer uma revisão de meu novo caminho espiritual, e acabei grafando esta carta longa.

Para Eliana e para o nosso Leonardo, que é tão de nossa querida Eliana e tão nosso, o meu carinho de esposo e pai, e receba, com meu pai e com todos os nossos familiares, as saudades e as novas esperanças de seu filho

Ruilon

Ruilon Quirino Ribeiro

* * *

Entrevistamos Dra. Eliana Scalon Ribeiro, na tarde de 20 de maio de 1984, em Uberaba, na residência de seus pais, à Rua Henrique Dias, 16, fone: 332-6155, graças à gentileza de D. Maria Helena Scalon, sua genitora, e do jovem Roberto Mendes Juliano, sob o olhar atento do pequeno Leonardo, então com quatro meses, a confirmar a tese do renomado psiquiatra inglês¹, segundo a qual podemos conversar, com toda a clareza, com as crianças da mais tenra idade, uma vez que todas elas nos compreendem perfeitamente.

¹ Denys Kelsey e Joan Grant, *Nossas Vidas Anteriores*, Trad. de Pinheiro Lemos, Distribuidora Record, Rio de Janeiro, s/d, pp. 156-157.

Eis as notas que tomamos, naquela memorável tarde:

Ruilon Quirino Ribeiro nasceu em Gurinhatã, Minas Gerais, a 22 de outubro de 1952, e desencarnou por volta das 3:15 horas de 6 de janeiro de 1984, na BR-50, quilômetro 166, a 5 quilômetros de Uberaba, próximo ao Ribeirão Caçu, quando bateu seu Fiat branco, placa MI-7823, de Ituiutaba, Minas, na trazeira de uma carreta Chevrolet-D-70, placa EA-2043, da Companhia Ibirapuera de Avicultura, dirigida pelo responsável motorista Sr. Edgar Tadeu da Silva, no sentido Uberlândia-Uberaba.

Filho do Sr. Mozart de Almeida Ribeiro e de D. Adm Moraes Ribeiro, residentes em Ituiutaba, à Rua 16, n.º 1557.

1.º Tenente Dentista do Exército, endodontista, vinha Ruillon de Brasília, para assistir à cesárea a que iria se submeter sua esposa, também cirurgiã-dentista — Clínica Geral —, Dra. Eliana Scalon Ribeiro, como de fato o foi, naquela manhã, sem que tivesse, por recomendação médica, tomado conhecimento de qualquer notícia do ocorrido.

Ruilon era pessoa muito querida e estimada, não somente em Uberaba, onde se formou na FIUBE e se casou, um ano antes, como também em Ituiutaba, onde seu corpo foi sepultado, e em Brasília.

Freqüentava a Comunhão Espírita de Brasília, estudioso do Espiritismo, tendo se empolgado com as obras *Nosso Lar*² e *Cidade no Além*³.

Datada de 28 de dezembro de 1983, deixou Ruillon escrito, na Agenda do Hospital da Guarnição de Brasília-

² Francisco Cândido Xavier, André Luiz (Espírito), *Nosso Lar*, FEB, Rio, 1a. edição, 1944.

³ Francisco Cândido Xavier, Heigorina Cunha, André Luiz e Lucius, *Cidade no Além*, IDE, Araras, SP, 1a. edição, 1983.

D.F. —, um belo depoimento, com as seguintes citações do Espírito de André Luiz:

“Na fase evolutiva do planeta, existem na esfera carnal raríssimas uniões de almas gêmeas, reduzidos matrimônios de almas irmãs ou afins, e esmagadora percentagem de ligações de resgate.

O maior número de casais humanos é constituído de verdadeiros forçados sob algemas.”

“A mulher não pode ir ao duelo com os homens, através de escritores e gabinetes, onde se reserva atividade justa ao espírito masculino.” (*Nosso Lar*, págs. 113, 229 - Edição FEB).

“É tão importante saber falar como saber ouvir.” (*Nosso Lar*, pág. 130).

Estudemos, em seguida a expressiva mensagem de Ruilon, recebida a 30 de março de 1984, que foi publicada n’*A Flama Espírita*⁴, e num bem cuidado volante, para ser distribuído nos Centros Espíritas.

1 - “*Nosso estimado Harley*”: Harley Scalon, sogro do comunicante, nascido em Sacramento, Minas Gerais, a 23 de janeiro de 1932, e desencarnado em Uberaba, a 27 de março de 1968.

*

2 - “*Minha avó Maria Menezes*”: Bisavó materna de Ruilon, desencarnada em 16 de dezembro de 1913, no município de Ituiutaba.

*

⁴ *A Flama Espírita*, Uberaba, 19 de maio de 1984, ANO XXXVIII, Segunda fase, n.º 2.520, “A Manifestação de Ruilon”.

3 - “*Vovó Maroca*”: D. Maria Chaves Santos, avó materna de Dra. Eliana, residente em Uberaba, à Rua Segismundo Mendes, 14.

*

4 - “*Mãezinha Maria Helena*”: Trata-se da senhora sogra de Ruilon, residente em Uberaba, à Rua Henrique Dias, 16.

*

5 - “*Vovó Mercedes*”: D. Mercedes Chaves, bisavó materna de Dra. Eliana Scalon Ribeiro, nascida em Monte Alegre de Minas, a 16 de abril de 1879, e desencarnada em Uberaba, a 3 de agosto de 1957.

*

6 - “*Nosso Leonardo*”: Filho de Ruilon, nascido exatamente no dia da desencarnação de seu genitor, a 6 de janeiro de 1984.

* * *

Antes de apor o ponto final no presente capítulo, solicitamos a atenção do leitor para dois pontos: 1) a semelhança entre a assinatura psicografada pelo médium Xavier e a de Ruilon quando entre os encarnados, inclusive com o seu nome, escrito no verso de um envelope, como observou D. Maria Helena, e poderemos confirmar, analisando os fac-símiles.

2) Julgamos bastante consolador o fato de Ruilon ter conseguido permissão dos Benfeitores da Vida Maior para visitar, na condição de *pai morto-vivo*, a Esposa e o filho, comunicando-se, através dos canais medianífmicos, tão-somente dois meses e vinte e quatro dias após o seu retorno à Pátria Verdadeira.

Remetente Ruilon Quirino Ribeiro
Endereço Q. 609... B.L. D. Apt. 304
CEP 70451-0 Cruzeiro novo DF

Com todos
meus familiares,
as saudades
e as novas
e pra quem
seu filho.

Ruilon
Ruilon Quirino Ribeiro

12

Thales Meirelles Cury – CARTA DO ESPOSO E SERVIDOR RECONHECIDO

Querida Vilma, Deus nos proteja.

Este é um grande momento para mim.

Falar a você, escrevendo com o auxílio da nossa querida avó Maria Abadia, vem a ser um sonho para mim, do qual não desejaria acordar.

Estou com a memória em boa situação.

Lembro-me de tudo o que sucedeu, desde que saí de Rio Verde para Goiânia.

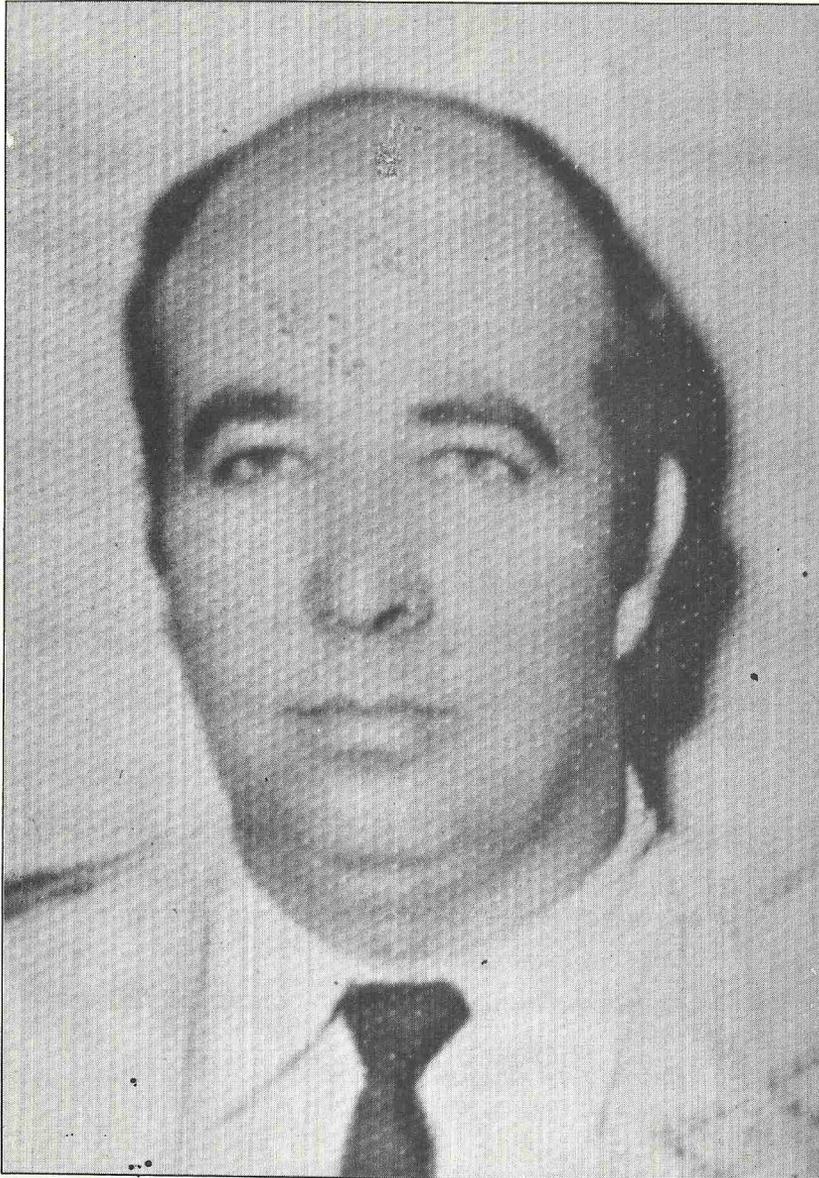
O caminhão estava pesado e eu tinha comigo um peso de mais de vinte e seis horas com fome de dormir...

Você compreende.

Aquela necessidade de fazer pontos, ganhar um pouco mais...

Recordo-me de que telefonei a você, prometendo vir para a casa, mas aqueles cochilões ao volante me ame-drontavam...

Quase ao termo da viagem de serviço, não longe de



Thales Meirelles Cury

Goiânia, o sono me furtou a atenção e a máquina deu de nariz num barranco, junto do qual o meu sono de motorista se achou num desmaio total.

Reconhecer que não mais poderia voltar ao que fora ou ao que era, foi um suplício para mim.

A vovó Maria Abadia me internou em um parque de tratamento, e lutei, quanto pude, contra a idéia da morte.

Só mesmo com tempo, conseguiria contar a você, em pormenores, o que me aconteceu para entrar na realidade.

Agora, é pedir a Deus que nos proteja e pedir a você que me auxilie a estar conformado.

Querida Vilma, agradeço à nossa Dilma, a nossa querida irmã, e à nossa querida Áurea.

Tenho muita gente para endereçar agradecimentos, mas o essencial era dizer a você que se não posso trazer-lhe as riquezas que sempre lhe desejei, trago ao seu carinho de esposa, toda a dedicação de sempre, no carinho imenso de seu esposo e seu servidor de sempre, sempre o seu

Thales

* * *

Nasceu Thales Meirelles Cury em Cássia, Estado de Minas Gerais, a 19 de abril de 1939, e desencarnou a 30 de setembro de 1981, na rodovia entre Rio Verde e Goiânia, nas proximidades desta capital, em consequência de acidente com o caminhão que dirigia, ao dormir no volante.

Filho do Sr. José Elias Cury e de D. Áurea Meirelles

Elias, residentes em Uberaba, à Rua Henrique Dias, 895, fone: 332-0907.

Segundo nos informou a destinatária da carta mediúnica, Sra. Vilma Maria da Silva, em sua residência, à Rua Passa Quatro, 197, também em Uberaba, na manhã de 12 de fevereiro 1984, Thales era desquitado e com ela convivia, maritalmente, há sete anos, dentro da mais absoluta harmonia conjugal.

Em junho de 1981, chegou Thales em casa, um pouco assustado, afirmando:

— Um rapaz, hoje, me disse que eu morrerei este ano ainda.

E dirigindo-se à sua segunda sogra:

— Reza, D. Irondina, para eu voltar aqui!

E o curioso de tudo isso é que a profecia do jovem se cumpriu: Thales, com efeito, só retornou a Uberaba, em espírito, não obstante o seu corpo tenha sido sepultado nesta cidade.

De duas entrevistas que fizemos com o Sr. José Elias Cury, no primeiro trimestre de 1984, colhemos mais os seguintes informes sobre o seu filho desencarnado:

a) Thales era um bonachão, mão-aberta, completamente desprendido dos bens materiais;

b) esteve casado por quinze anos, com a primeira mulher, com ela residindo em Barretos, Estado de São Paulo, na companhia do casal de filhos — José Francisco e Valéria —, respectivamente, com 18 e 16 anos de idade, residindo, em 1972, à Rua 18, n.º 236, conforme consta de seu Título de Eleitor;

c) motorista desde os 15 anos de idade, Thales percorreu o Brasil de norte a sul e de leste a oeste, sendo muito estimado pelos seus colegas de profissão, e por eles apelidado de Gordo, já que pesava cerca de 120 quilos;

d) Thales guiava o caminhão de transporte de gado de seu irmão Antônio Elias Cury, tendo morrido nove vacas Nelore, no desastre que o recambiou à Vida Espiritual;

e) a Missa de 7.º Dia, em intenção de seu Espírito, foi celebrada na Igreja Matriz de São Benedito.

“Na mensagem consoladora, recebida pelo médium Chico Xavier”, — concluiu Sr. José Elias Cury; em nosso último encontro — “o que mais me impressionou foi a semelhança da assinatura de meu filho com a que ele deixou, numa nota de requisição de mercadorias, em Goiânia, seis dias antes de sua morte. É de deixar a gente intrigado, lembrando-nos de que precisamos agradecer a Deus por tantas bênçãos em nosso favor!”

* * *

Vejamos, agora, quais os nomes citados na pequena mensagem de Thales, recebida pelo médium Xavier, a 24 de setembro de 1982:

1 - “*Avó Maria Abadia*”: D. Maria Abadia da Silva, senhora avó de D. Vilma, nascida no Desemboque, município de Sacramento, Minas Gerais, a 15 de agosto de 1903, desencarnada a 22 de abril de 1973, esposa de Limírio José da Silva, nascido em 1897 e desencarnado em 1967.

*

2 - “*A nossa Dilma*”: Trata-se da filha de criação do casal, na época da entrevista com 17 anos de idade.

*

3 - “*A nossa querida Áurea*”: D. Áurea Meirelles Elias, senhora mãe do comunicante, residente em Ubera-

ba, e que sempre dava uma boa demão para o filho, nos dias de maiores apertos, principalmente quando, de acordo com a Análise Transacional, se imergia no clima da puerícia.

* * *

Diante de tantas provas da imortalidade, que posamos agradecer a Jesus pela bênção do Espiritismo que, com Allan Kardec, veio disciplinar a mediunidade, facilitando-nos o reencontro com os nossos entes amados que nos antecederam na grande viagem de retorno ao Plano Extra-Físico.

13

**Valdir Nunes Ferreira –
"ESTOU NO ABC DA CONFORMAÇÃO
E DA PACIÊNCIA"**

Querida esposa, Deus nos proteja.

Tenho apenas alguns minutos, a fim de articular esta carta.

Sinceramente, escrevo com o meu coração, sem que o meu cérebro procure me controlar.

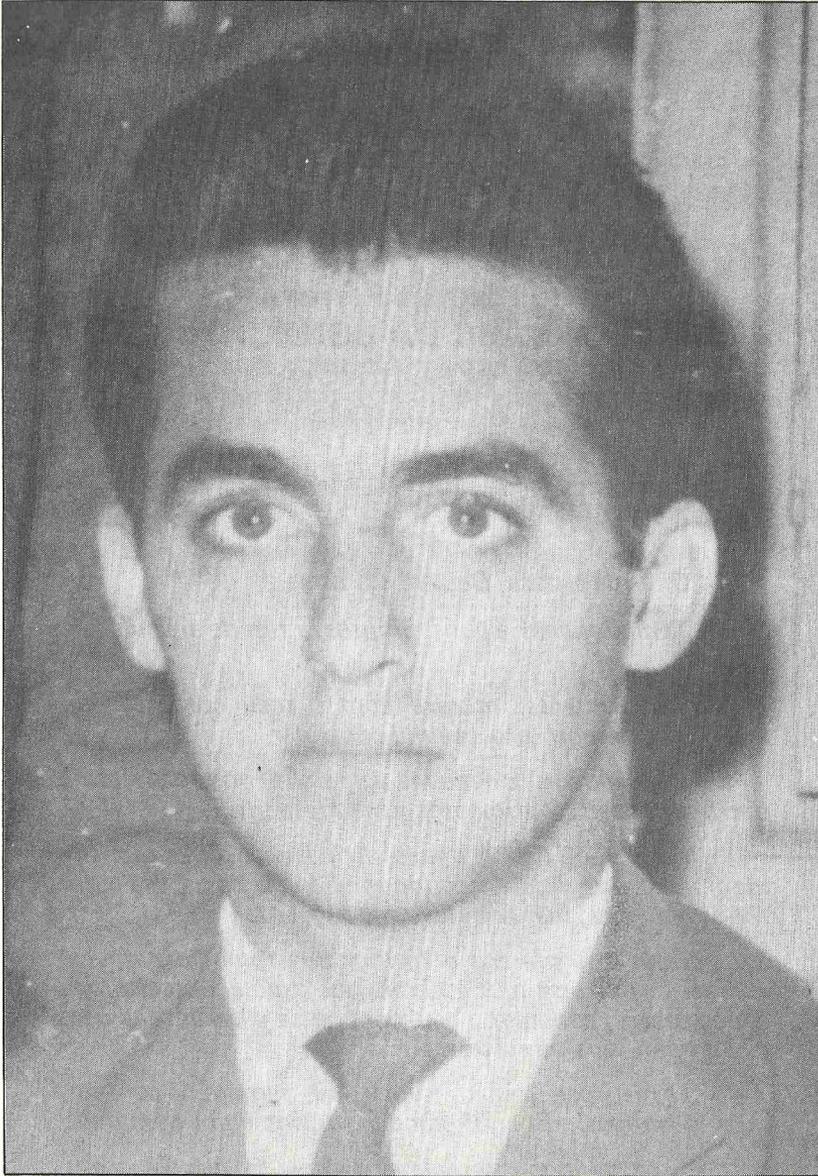
É a saudade que me faz agir assim, no propósito de pacificar os seus sentimentos a meu respeito.

Sabe você que é muito difícil encontrar num homem a paz que deseja, quando se vê longe da esposa e dos filhos queridos, mas não devo me acovardar.

Deus nos oferece o melhor que somos capazes de receber, e por esse motivo creio que tudo aconteceu para o nosso bem, conquanto esse bem possa parecer uma bênção emoldurada de espinhos.

O meu pai Romão, a vovó Ana, sempre os parentes quanto amigos, são aqui grandes sustentáculos para mim.

Espero que sua calma e a sua fé me alcancem,



Valdir Nunes Ferreira

transformando as ansiedades que ainda tenho, em esperanças tranqüilas.

Agradeço a você as preces e as expressões de consolo, e peço-lhe me desculpe se regresssei para a Vida Espiritual, quando mais desejava estar em sua companhia, a fim de velarmos pelo futuro de Deuslene, do Valdirzinho e de Deusley, nossos queridos filhos, mas a morte não conhece reclamações e funciona, em nome da Providência Misericordiosa de Deus, abençoando-nos com a sua força imbatível, com certeza para livrar-nos de males futuros, que talvez a nossa teimosia em permanecer pudesse ocasionar.

Enfim, estou no ABC da conformação e da paciência, e devo zelar por minhas lições.

Peço a você não se sinta sem o seu companheiro de todos os dias.

Estamos juntos, ao lado de nossas crianças, e Deus nos auxiliará para que a felicidade do dever cumprido, mesmo quando enfeitada de lágrimas, esteja sempre conosco.

Querida Zezé, tudo de bom é o que rogo a Jesus em seu favor, porque ao vê-la satisfeita e abençoada, também eu me sentirei abençoado e feliz.

A todos os nossos corações queridos, pais, amigos, irmãos e irmãs do coração, as minhas lembranças e agradecimentos.

E para você, querida esposa, a quem devo todo o meu anseio de ser melhor para merecê-la perante Deus e perante a Vida, fica nestas páginas apressadas, todo o coração do seu

Valdir

Valdir Nunes Ferreira

De uma carta que a Sra. Maria José Alves Ferreira — D. Zezé — nos enviou, poucos dias após a transmissão da mensagem de seu marido, pelo médium Xavier, transcrevamos a parte que consideramos mais importante:

“Como gostaria muito de que esta mensagem fosse publicada, tenho a certeza de que a mesma irá reconfortar muitas almas também necessitadas de ter a certeza de que a vida e os sentimentos continuam além da morte, e que Deus, Nosso Pai bondoso, não deixa nenhum de seus filhos no léu da sorte.

Meu esposo, Valdir Nunes Ferreira, nascido em Campina Verde, Minas Gerais, no dia 25 de maio de 1942, e desencarnado em Goiânia, onde morávamos, na época, no dia 1.º de julho de 1979, às 16:00 horas, quando íamos levar as crianças à matinê, em consequência de uma parada cardíaca, fatal.

Aproximadamente um mês antes de sua desencarnação, meu marido sonhou com um amigo seu, José Francisco Soares, natural de Prata, Minas, também minha cidade, este desencarnado cinco anos antes, isto é, no dia 27 de outubro de 1974, quando em sonho Zezinho o convidava a ir ter com ele, no Mundo Espiritual, pois que lá, onde se encontrava, era muito bom.

Outro fato aconteceu três dias antes: Valdir, de repente, disse a mim e às crianças, que ele deveria ir primeiro para arrumar um cantinho no Céu para nos esperar.

Nosso filho, Deusley, então com sete anos incompletos, disse:

— Papai, não vá se esquecer de nos mandar o endereço.

Meu marido, com a resposta do menino, riu gostosamente.

Eu, muitas vezes, sentia-me muito só, julgando que

a desencarnação modificasse as pessoas, e que o meu marido havia nos esquecido, não sentia aquele mesmo amor que nos uniu na Terra.

Assim, adormecia, quando certa noite, acordei com ele me chamando, como fazia sempre, toda vez que chegava em casa.

A partir daí, criei alma nova, e na mensagem, ele me tranquiliza, mais uma vez, ao dizer:

“É a saudade que me faz agir assim, no propósito de pacificar os seus sentimentos a meu respeito.”

Indo a Uberaba, ao me aproximar de Chico Xavier, pela segunda vez, a fim de obter notícias do Além, este me perguntou quem era Ana. Eu disse ser minha avó, ao que ele acrescentou que ela — Ana — mandava me dizer que o Valdir estava bem, mas muito preocupado comigo e com as crianças, que ele havia deixado ainda pequenas, e agradecendo à Maria Nunes, mãe dele, pelas preces que ela sempre fazia em meu favor.”

Vejamos, agora, com mais detalhes, alguns apontamentos sobre os nomes citados na mensagem, recebida a 20 de dezembro de 1980:

1 - “*O meu pai Romão*”: Sr. Romão Ferreira Borges, desencarnado a 2 de março de 1959.

*

2 - “*Vovó Ana*”: D. Ana Vieira da Silva, avó de sua esposa, desencarnada a 16 de setembro de 1970.

*

3 - *Deuslene*: Deuslene Aparecida Silva Ferreira, filha.

*

4 - *Valdirzinho*: Valdir Nunes Ferreira Filho, nosso conhecido de linhas acima.

*

5 - *Deusley*: Deusley Romão Silva Ferreira, filho.

*

6 - "*Querida Zezé*": Eis um dos pontos altos da mensagem, no que se refere à questão comprobatória, uma vez que o comunicante, ao retornar através dos recursos que a mediunidade com Jesus e Kardec lhe oferece, usa o apelido carinhoso que lhe era habitual, quando no plano denso da matéria, ao se dirigir à esposa.

* * *

Ao término, leitor amigo, de nossa agradável viagem pelo mar das mensagens de nossos treze autores espirituais, a totalidade, praticamente, de Espíritos que haviam se corporificado na vasta região do Triângulo Mineiro, roguemos a Jesus muita saúde para o médium Francisco Cândido Xavier, nosso amigo de todas as horas, a fim de que ele prossiga firme e imbatível como sempre o tem sido, desde 1927, trabalhando com o Divino Mestre e Kardec, sob a sábia e amorosa orientação de Emmanuel, o benfeitor espiritual que todos aprendemos a amar e respeitar.

